

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ

NATALIA DA ROSA

**REPRESENTAÇÕES DE BRUXA NA TRILOGIA DE FILMES *RUA DO MEDO*
(2021)**

CURITIBA

2022

NATALIA DA ROSA

**REPRESENTAÇÕES DE BRUXA NA TRILOGIA DE FILMES *RUA DO MEDO*
(2021)**

The portrayal of witches in the movie trilogy *Fear Street* (2021)

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do título de Bacharel em Design da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador(a): Dra. Ana Claudia Camila Veiga de França.

CURITIBA

2022



[4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

Esta licença permite remixe, adaptação e criação a partir do trabalho, para fins não comerciais, desde que sejam atribuídos créditos ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos. Conteúdos elaborados por terceiros, citados e referenciados nesta obra não são cobertos pela licença.

NATALIA DA ROSA

**REPRESENTAÇÕES DE BRUXA NA TRILOGIA DE FILMES *RUA DO MEDO*
(2021)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Design da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Data de aprovação: 8 de dezembro de 2022

Ana Claudia Camila Veiga De França
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Silmara Simone Takazaki
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Maureen Schaefer França
Doutorado
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

CURITIBA

2022

AGRADECIMENTOS

Não posso agradecer outra pessoa senão à minha orientadora Ana Claudia Camila Veiga de França. Este trabalho só foi concluído porque além de ter me orientado sabiamente em todas as etapas, ela foi extremamente paciente e compreensiva em momentos que tudo parecia que iria ruir.

Olho para os meses passados e todas as situações que vivemos para chegar aqui e o que mais sinto é gratidão por ter sido uma professora e uma pessoa incrível na minha vida. Vou para sempre guardá-la em meu coração e memória como um exemplo de mulher que quero ser no futuro, com todo seu conhecimento, inteligência e bondade.

Professora Ana, você fez da minha jornada na UTFPR uma experiência melhor, eu não sei se consigo colocar em palavras o quão grata sou e quão honrada me sinto por ter sido orientada por você neste último ano. Sempre terei boas lembranças suas.

Obrigada.

Entender a história da bruxaria é o primeiro passo para
que possamos inaugurar sob nossos pés uma estrada
rumo a um amanhã cada vez mais mágico.
(HUTTON, 2021, p. 29)

RESUMO

As representações de bruxa são muito conhecidas no audiovisual, principalmente pelo gênero do cinema de horror. Neste trabalho, partindo de uma análise fílmica da trilogia de horror Rua do Medo, que tem como cenário os anos de 1994, 1978 e 1666, questionam-se os temores de uma sociedade acerca da representação de uma bruxa, tecendo relações com estudos historiográficos e do cinema de horror. Assim, dentre as muitas possibilidades de análise que os filmes de horror e bruxaria apresentam, nesta pesquisa optou-se por focalizar na análise de personagem, a partir da descrição de cenas, captura de imagens e análise da narrativa em torno da personagem Sarah Fier, ao longo dos três filmes. Por resultados, foi possível identificar que a representação de bruxa difundida no cinema ainda é muito estereotipada e relacionada à visão europeia de bruxaria, representando a magia como instrumento de maldade ou de pacto com o diabo. Em Rua do Medo, ao mesmo tempo em que a personagem Sarah Fier é inocentada, apresenta-se um novo culpado praticante de bruxaria, rompendo com alguns estereótipos, mas reforçando outros.

Palavras-chave: História da bruxaria; Cinema de horror; Análise de personagem

ABSTRACT

The representations of witch are very well known in the audiovisual, mainly by the genre of horror cinema. In this work, starting from a filmic analysis of the horror trilogy *Fear Street*, which has as its setting the years 1994, 1978 and 1666, the fears of a society about the representation of a witch are questioned, weaving relations with historiographical studies and horror cinema. Thus, among the many possibilities for analysis that the themes of horror film and witchcraft present, in this research it was chosen to focus on character analysis, from scene description, image capture, and analysis of the narrative around the character Sarah Fier, throughout the three films. By results, it was possible to identify that the representation of witch widespread in cinema is still very stereotyped and related to the European view of witchcraft, representing magic as an instrument of evil or pact with the devil. In *Street of Fear*, at the same time in which the character Sarah Fier is exonerated, a new culprit practitioner of witchcraft is presented, breaking with some stereotypes, but reinforcing others.

Keywords: History of witchcraft; Horror cinema; Character analysis

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa de literatura.....	14
Figura 2 - Reunião dos moradores que acusam Hannah e Sarah de bruxaria.....	21
Figura 3 - Cena da morte da personagem Heather em Rua do Medo: 1994 (2021).....	33
Figura 4 - Cena da morte da personagem interpretada por Drew Barrymore em Panico (1996).....	34
Figura 5 - Shopping com luzes neon, personagem Deena e seu irmão em Rua do Medo: 1666.....	51
Figura 6 - Hannah Miller e Sarah Fier se beijam, em Rua do Medo - 1666.....	52
Figura 7 - Sarah Fier pela atriz Elizabeth Scopel.....	54
Figura 8 - A viúva.....	55
Figura 9 - Trajes de Hanna e Sarah Fier.....	56
Figura 10 - Caracterização de personagens femininos 1.....	56
Figura 11 - Caracterização de personagens femininos 2.....	57
Figura 12 - Frutas apodrecidas.....	59
Figura 13 - Pastor na igreja após matar 12 crianças e retirar seus olhos....	59
Figura 14 - Cabeça de um bode e seu sangue usado para ritual.....	60
Figura 15 - Livro ensinando a fazer um pacto com Satã.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ficha técnica da trilogia.....	36
Quadro 2 - Análise de signos da bruxa em Rua do Medo - 1994.....	42
Quadro 3 - Análise de signos da bruxa em Rua do Medo - 1978.....	44
Quadro 4 - Análise de signos da bruxa em Rua do Medo - 1666.....	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
1.1 Problema da pesquisa	12
1.2 Objetivo Geral	12
1.3 Objetivos Específicos	12
1.4 Justificativa	13
1.5 Metodologia	14
2. HISTÓRIA DA BRUXARIA	16
2.1 A bruxaria no mundo	19
2.2 A bruxaria na Europa	25
2.3 Bruxaria nas ilhas britânicas	28
3. CINEMA DE HORROR	30
4. ANÁLISE FÍLMICA	36
4.1 Trilogia Rua do Medo	38
4.1.1 Rua do Medo: 1994 - Parte 1	38
4.1.2 Rua do Medo: 1978 - Parte 2	39
4.1.3 Rua do Medo: 1666 - Parte 3	39
4.2 Identificando significados	40
4.3 Análise da representação de bruxa na trilogia Rua do Medo	51
4.3.1 Sarah Fier e a sexualidade	51
4.3.2 Caracterização física de uma bruxa	53
4.4 A representação de bruxaria na trilogia Rua do Medo	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	64
ANEXO A	66

1. INTRODUÇÃO

Talvez seja possível afirmar que qualquer pessoa poderia descrever uma bruxa. Quase todas as sociedades no mundo propagam um estereótipo da pessoa que faz uso da magia, sendo bruxa, feiticeira ou curandeira. Muitos, talvez, descreveriam a pessoa que faz uso da magia como mulher, geralmente velha, solitária e que tem poderes sobrenaturais que podem ser usados, na maioria das vezes, para fazer mal a alguém.

De acordo com Robles (2019, p. 229), "mesmo em nossos dias, com ideias próprias e juízos críticos, mulheres que desafiam o diferente ou o proscrito ainda são qualificadas de bruxas, especialmente quando manifestam condutas contrárias ao preestabelecido".

A associação da mulher com a bruxaria ganhou força no fim da Idade Média e início da Idade Moderna, tempos em que o discurso negativo acerca da feminilidade foi crescendo através de textos cristãos que vinculavam a mulher transgressora ao Diabo ou Satanás. Em consequência, essa associação cresceu no imaginário coletivo durante este período histórico (LAROCCA, 2018).

No livro de gênesis na Bíblia cristã existe a descrição de que a mulher deu ouvidos a Satanás, enquanto ele estava em forma de serpente, oferecendo o fruto proibido. A mulher comeu e persuadiu seu companheiro Adão a comê-lo também, e foi por culpa de Eva que foi introduzido à natureza humana o pecado. Essa história reforçava a associação da mulher ao mal ou à bruxaria (LAROCCA, 2018).

Sobre o imaginário coletivo sobre a figura da bruxa, Larocca (2018, p. 89), afirma que:

A bruxa é uma personagem recorrente no cinema de horror, utilizada como artifício para inspirar medo e alertar para os perigos encarnados pelo feminino. Embora presente em variados gêneros cinematográficos, é no horror que esta personagem é constantemente associada ao demoníaco, ao corpo e à sexualidade feminina. Nesse sentido, a representação construída pelo horror estabelece fortes laços com um discurso antifeminino codificado e propagado no mundo medieval e que impulsionou a caça às bruxas na Modernidade. O estereótipo da mulher-bruxa não desapareceu e continua, na contemporaneidade, povoando o imaginário coletivo, principalmente por meio de produtos midiáticos como o cinema e a televisão.

A partir dessa interpretação, busca-se entender como acontece a representação da mulher como bruxa na trilogia cinematográfica estadunidense *Rua do Medo* (*Rua do Medo: 1994 - Parte 1; Rua do Medo: 1978 - Parte 2; Rua do Medo: 1666 - Parte 3*). Questiona-se também se a imagem pejorativa desta figura pode ser reconstruída no imaginário coletivo no tempo presente de forma diferente.

A trilogia *Rua do Medo* foi lançada na plataforma Netflix na segunda metade de 2021. Na narrativa do filme a bruxa, Sarah Fier, é a responsável por uma maldição na cidade e seus habitantes e por possuir pessoas e transformá-las em assassinos. Entretanto, no último filme há uma transformação da narrativa e a bruxa do primeiro e do segundo filme é, na verdade, vítima do imaginário coletivo de três séculos antes.

1.1 Problema da pesquisa

Larocca (2018) afirma que é importante ver o cinema como cultura, e as representações cinematográficas de personagens refletem aspectos coletivos e sociais. Assim, pergunta-se, como a bruxa é representada na trilogia cinematográfica *Rua do Medo*?

1.2 Objetivo Geral

O principal objetivo desta pesquisa é analisar a representação da mulher como bruxa na trilogia de filmes *Rua do Medo* de 2021. A personagem em foco é a Sarah Fier.

1.3 Objetivos Específicos

Dentro os objetivos específicos, estão:

- Identificar como ocorre a representação da mulher como bruxa na trilogia *Rua do Medo*;
- Entender elementos da construção social e histórica da bruxa;

- Compreender as articulações entre o cinema de horror e a trilogia *Rua do Medo*;
- Elaborar uma análise filmica da trilogia;

1.4 Justificativa

De acordo com Larocca (2018, p. 98) devemos questionar a ausência de análises de filmes de ficção científica e horror, "o cinema de entretenimento - e aqui inserimos o horror - deve ser visto e analisado como ele é: cultura" . O estudo dessa temática é importante para entender a construção e reprodução do imaginário e crenças do coletivo por meio do cinema de entretenimento, "o audiovisual de horror, possuindo como fio condutor a bruxa, simultaneamente retoma e reinventa a ligação entre o feminino e o Mal, revelando a vitalidade de um imaginário e estabelecendo um diálogo com uma tradição anti feminina de séculos passados" (LAROCCA, 2018, p. 98). A autora alerta que essas representações cinematográficas não podem ser tratadas como espelhos ou apropriações equivalentes, ou seja, a bruxa dos cinemas não é idêntica à de séculos atrás, mas representa uma tradição cultural antiga.

Federici (2017) afirma que a caça às bruxas é um dos fenômenos menos estudados da história da Europa. Ela interpreta que esse fenômeno seja em decorrência de que a maioria das vítimas foram mulheres camponesas, e delata historiadores como indiferentes a esse fato histórico.

Praticamente todos os primeiros estudiosos de caça as bruxas eram homens, e retratavam as mulheres vítimas das acusações de bruxaria como tolas e que sofriam de alucinações, "os exemplos da misoginia que inspirou a abordagem acadêmica da caça às bruxas são abundantes" (FEDERICI, 2017, p. 290). Esse cenário começou a mudar com o movimento feminista, de forma que feministas identificaram o aspecto misógino das caças as bruxas e adotaram essas figuras como símbolo da revolta feminina.

Cerca de 3 séculos desde o fim da caça às bruxas, esse estereótipo ainda segue atravessando representações femininas, "a cultura ocidental, influenciada por um discurso misógino e uma tradição anti feminina, por muito

tempo conservou em seu imaginário a ideia de que a prática da bruxaria maléfica se encontrava intimamente conectada à natureza feminina." (LAROCCA, 2018, p. 88).

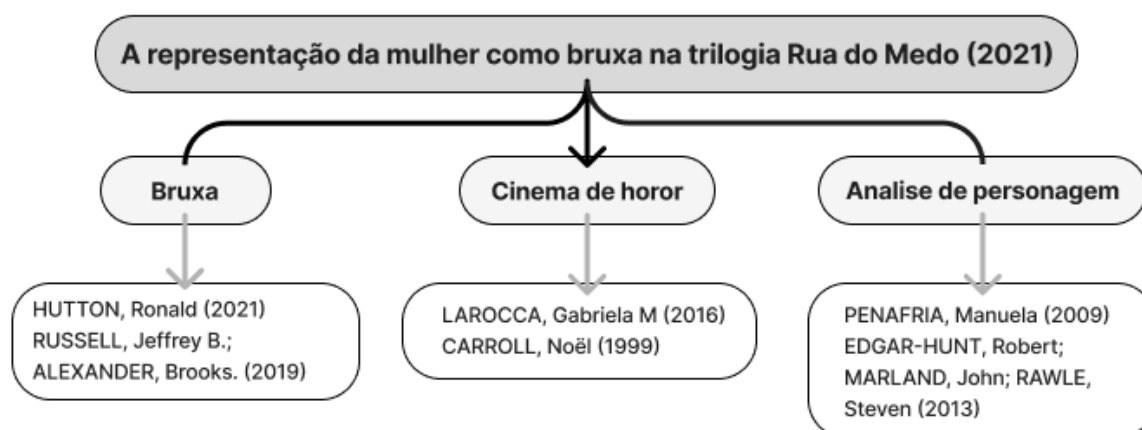
Foi solidificada uma longa tradição da associação do "feminino ao Mal, ao pecado, aos dilemas da carne e à interferência na relação com o sagrado. A Mulher aparece como portadora do Mal desde a Antiguidade, relacionada a conceitos como oculto, mágico e maligno" (LAROCCA, 2018, p.91). São incontáveis as personagens mulheres usadas para justificar a inferioridade feminina, e por isso a importância de enxergar o cinema e suas representações como objeto de investigação.

Pretende-se, assim, explorar neste trabalho a representação de bruxa no cinema do tempo presente, considerando que essa representação ainda é vinculada à representação de mulheres, principalmente com aquelas que não se encaixam nos padrões sociais estabelecidos.

1.5 Metodologia

Como a análise fílmica pode ser complexa, foram definidos recortes para os principais temas de estudo. Primeiramente, foi elaborado um mapa de literatura com as palavras-chave para a pesquisa e as referências bibliográficas para fundamentar cada tema, conforme é possível observar na Figura 1.

Figura 1 - Mapa de literatura



Fonte: Autoria própria baseado em DINIZ (2012).

O estudo histórico da mulher como bruxa, a compreensão das características do cinema de horror e a análise fílmica com foco na personagem Sarah Fier, são as principais divisões que estruturam esta pesquisa.

Como prisma teórico foi optado pelos estudos de Hutton (2021) e Russell e Alexander (2019) acerca da história da bruxaria, por apresentarem a temática de uma forma panorâmica e mais adequada ao alcance desta investigação. Os autores fizeram investigações amplas e historiográficas sobre a bruxaria na história do mundo.

O cinema de horror ainda tem referências escassas para seus estudos, e em língua portuguesa são menores ainda as opções. Então, foi estabelecido Larocca (2016) e Carroll (1999) para compreender melhor o gênero dentro de um panorama geral e para compreender porquê a trilogia *Rua do Medo* se encaixa nesse gênero, quais são os sentimentos despertados no público na narrativa do cinema de horror.

Por fim, para auxiliar na análise da personagem Sarah Fier, se faz necessário o entendimento sobre análise fílmica, para isso Penafria (2009) e Edgar-Hunt et al (2013) são as principais referências para esse processo.

Na primeira etapa desta pesquisa diversas cenas de interesse foram tabeladas e descritas. Algumas oferecem um panorama geral, e outras estão citadas no decorrer deste documento, produzindo uma análise mais detalhada ou relacionada com a fundamentação teórica.

Ressalta-se que outros autores foram considerados nesta pesquisa, mas estes são os principais eixos para a fundamentação teórica e metodológica.

2. HISTÓRIA DA BRUXARIA

Não precisa acreditar nos poderes das bruxas, mas elas existem, dizem Russell e Alexander (2019), que fizeram um estudo sobre a bruxaria em sua origem até a atualidade. Os autores afirmam que a bruxaria é considerada uma religião no tempo presente, mas não é como algumas pessoas acreditam.

Russell e Alexander (2019) consideram 3 abordagens: (1) A definição de bruxa como o mesmo que feiticeira, de acordo com a antropologia; (2) A bruxa adora ao Diabo, que é a abordagem histórica da bruxaria européia; (3) A bruxa reverencia deusas e deuses e pratica magia, essa é a abordagem que os autores focam a respeito dos bruxos modernos. Os autores explicam que “bruxaria e ocultismo não são a mesma coisa, e muitos bruxos se esforçam ao máximo para dissociar sua imagem e suas práticas de qualquer forma de ocultismo” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 12), e completam, “a existência ou não de bruxas está intimamente relacionada à definição adotada para caracterizá-la” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 11).

Muitas vezes vai ser possível encontrar definições em que o curandeiro, feiticeira e bruxa são a mesma coisa, porque a bruxaria não é igual em qualquer parte do mundo. Já outras crenças como possessões não estão relacionadas com bruxaria (RUSSELL; ALEXANDER, 2019). Na época da Renascença e da Reforma europeia acreditava-se que as bruxas invocavam os maus espíritos, sendo esta a crença que é perpetuada no estereótipo de representação de bruxa que encontramos na trilogia *Rua do Medo*.

A bruxaria não foi um fenômeno característico da Idade Média. Este entendimento vem de uma crença equivocada de associar a caça às bruxas a “Idade das Trevas”, uma caracterização errônea e equivocada deste momento histórico, até porque as grandes perseguições às bruxas aconteceram durante a Renascença e as reformas europeias, a partir do século XVII. De acordo com Russell e Alexander (2019) dizer que a inquisição foi responsável pela caça às bruxas é uma meia-verdade, porque civis as perseguiram e não só o clero.

Surge então o questionamento: se não é isso ou aquilo, então o que é a bruxaria? Russell e Alexander (2019) recorrem as raízes semânticas dos termos, “a palavra *witch* (pronuncia-se 'uítcha', que significa 'bruxo', um praticante

masculino da bruxaria) e de *wice* ('uitche', que é bruxa); ambos os termos pertencentes ao inglês antigo (Old English)” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 15). A palavra não tem origem celta e nem relação com verbo *witan* [“saber”] e qualquer outra palavra similar, “a explicação é *witchcraft* [‘bruxaria’] significa 'a arte dos sábios' (craft of the wise) é inteiramente falsa” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 15). Já a palavra *wizard* é mago ou mágico, diferente de *witch* que deriva de *wis* que significa *wise* [“sábio”], surgindo por volta do ano de 1425 para descrever a mulher ou homem com grande saber ou poderes extraordinários.

Os autores criticam a crença de que bruxaria é uma superstição, “como uma crença que não está fundamentada em qualquer visão de mundo coerente” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 18), a bruxaria não é um superstição. Até mesmo o conceito de sobrenatural é refletido pelos autores, porque “frequentemente se pensa que a bruxaria envolve poderes sobrenaturais. Mas os limites entre o natural e o sobrenatural vêm sendo continuamente reajustados” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 18).

O entendimento de bruxaria na sociedade era um fenômeno considerado cotidiano, a bruxaria existia da mesma forma que um motorista de carro sabe que está sujeito a se envolver em um acidente na estrada e as pessoas da era moderna acreditavam que estavam a qualquer momento suscetíveis de ser vítimas de uma magia que as prejudicasse (HUTTON, 2021). Há uma similaridade no mundo todo sobre a crença em bruxaria, mas “parece não haver explicação funcional para justificar por que há uma tendência de alguns grupos humanos em acreditar na existência de bruxas e outros, não” (HUTTON, 2021, p. 49).

O autor explica que a identificação dos indivíduos que praticavam bruxaria se difere no mundo todo. Há uma padronização nas características das bruxas serem pessoas idosas, mas em outras sociedades elas são jovens, e em outras sociedades a idade não é um fator determinante em suas características. Mesmo o fator gênero é uma variante no mundo inteiro, depende da localidade e continente, às vezes eram predominantemente femininas ou predominantemente masculinas, “ou de ambos os gêneros em diferentes proporções e de acordo com os diferentes papéis que possuem” (HUTTON, 2021, p. 51).

Alguns antropólogos não diferem em nada bruxaria de feitiçaria, já os historiadores estabelecem um diferente distinção da bruxaria européia das

demais abordagens mundiais, porque a bruxa européia é diabólica, adora aos espíritos malignos e pratica feitiçaria maligna. Russell e Alexander (2019) afirmam que a palavra *wicca* significa feiticeiro, porém “durante as perseguições às bruxas, passou a ser usado como o sinônimo de *melleficius*, do latim, que significava um bruxo(a) adorador(a) do diabo” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 21). Como existem diversas variações do uso desses termos, os autores partem do princípio que feitiçaria é a magia negra ou a prática da baixa magia praticada em todo o mundo, sendo ela benéfica ou maléfica, com ou sem invocação dos espíritos. Bruxaria pode ser a bruxaria diabólica do período de perseguição às bruxas, como as práticas de bruxaria neopagãs (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

Hutton (2021) apresenta a definição de bruxa de forma que, para uns pesquisadores ela pode ser como aquela que causa dano a outra pessoa por meio de magia e, para outros pesquisadores se define bruxa como todo indivíduo que faz uso de magia. Entretanto, quando usada a magia de forma benéfica, popularmente são chamadas de “bruxa boa”, sendo que “o uso da palavra ‘bruxa’ para denotar um agente da magia nociva não só tem sido usado mais larga e comumente, como parece ter sido empregado por aqueles dotados da crença genuína na magia e que se valem dela, o que representaria a maioria dos povos pré-modernos” (HUTTON, 2021, p. 19).

O estudo sobre bruxaria ascendeu como uma abordagem global na década de 1940, empregando aos seus estudos principalmente dados de antropólogos do século XX, “alguns antropólogos americanos, que antes do fim da década já alertavam que o termo ‘bruxaria’ estava sendo adotado como um rótulo para fenômenos que se diferiam radicalmente entre as sociedades” (HUTTON, 2021, p. 36).

A socióloga Anchieta (2021), descreve a mulher bruxa como acima e abaixo dos homens, simultaneamente. São marginalizadas por existir fascínio e por não estarem sob domínio, podendo até serem “diabolizadas por agirem contra uma ordem tida como natural, uma vez que subvertem as funções e os papéis representados por homens e mulheres” (ANCHIETA, 2021, p. 25).

Hutton (2021) alerta sobre o uso de conceitos do que é considerado bruxaria porque o termo não poderia ser usado de forma generalizada, a bruxaria é diferente na Europa e Inglaterra em comparação a outras partes do mundo. Já

foram feitas comparações entre materiais das bruxarias europeias e africanas, e o autor adverte que estas comparações não são triviais, devido à complexidade cultural de cada sociedade.

2.1 A bruxaria no mundo

Hutton (2021) descreve que a prática de bruxaria era um fenômeno que aconteceu no mundo todo, “a continuação da caça às bruxas não era somente um problema na África contemporânea, mas em muitas outras partes do planeta” (HUTTON, 2021, p. 41). Existiam registros de crenças em bruxas em muitas sociedades do mundo, egípcios, mesopotâmicos, gregos, romanos, hititas, germânicos, entre outros. As informações mais escassas sobre esse fenômeno são da China e do Japão, mas apesar disto, se compensa com antigos escritos da Europa e no Oriente Próximo e Médio. “Explicações alternativas para o infortúnio que excluem ou marginalizam a bruxaria são encontradas na maior parte do mundo” (HUTTON, 2021, p. 45), a intensidade como a figura da bruxa é temida também varia de acordo com as sociedades, de acordo com as circunstâncias sociais de cada momento.

O autor (HUTTON, 2021) relata que os registros de bruxaria datam desde a antiguidade, mesmo quando usaram a Bíblia durante a Idade Média para apoiar as acusações de bruxaria, já que a Bíblia é um livro antigo por si só. As bruxas da sociedade mesopotâmica são, estereotipadamente, mulheres com status mais baixos. E há registros das monarquias babilônicas e assírias de aberturas de processos por bruxaria, todas eram mulheres.

Além da Mesopotâmia, o Egito e posteriormente a Grécia tem registros similares, mas em menor quantidade, porque os gregos desenvolveram conjuntos distintos de crenças. Já os romanos, que tiveram sua cultura construída sob muita influência dos gregos, não haviam registrado denúncias de bruxaria na Roma pagã, “mas os indivíduos certamente eram processados legalmente naquele período por realizar magia, independente de esta resultar ou não em dano físico a qualquer outra pessoa” (HUTTON, 2021, p. 138).

Ora se diferenciava a crença dos egípcios e dos gregos sobre bruxaria e ora se assemelhavam aos dos mesopotâmicos, hebreus, persas e hititas, mas

“copiavam, o modelo grego e helenístico da mulher apaixonada que recorre à magia para segurar ou reconquistar um parceiro” (HUTTON, 2021, p. 139). Hutton (2021, p. 155) afirma que:

É possível tirar uma conclusão simples e crua de tudo isso: que os julgamentos das bruxas no início da era moderna derivaram, em última análise, do fato de que o cristianismo ocidental conseguia misturar a crença mesopotâmica em demônios e bruxas, a persa em um dualismo cósmico absoluto, a hebraica um em uma única divindade verdadeira, zelosa e, em última instância, todo-poderosa, a grega, em disputa entre religião e magia, a romana, com sua crença em bruxas e (talvez) a necessidade de caça às bruxas em épocas de necessidade especial, e a germânica, com seus canibais humanos assassinos noturnos e voadores, em sua maioria ou totalidade mulheres.

Similaridades com a feitiçaria da Europa Moderna são encontradas nos mitos da antiguidade e em suas práticas religiosas, até mesmo a crença de manter relações sexuais com espíritos inferiores aos deuses, no caso de crenças gregas. Os simbolismos encontrados na Grécia merecem destaque, como no caso das festividades a Dionísio que, supostamente, as bruxas praticavam na Idade Média, ou o bode, símbolo da fertilidade associado a Dionísio, retratado quase sempre com chifres (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

A bruxaria é difundida no mundo todo, e se não fosse importante para diferentes sociedades, teria desaparecido, “a crença na feitiçaria ajuda a definir e a sustentar certos valores sociais; explica eventos assustadores e mesmo fenômenos aterrorizantes” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 22). Mesmo a feitiçaria malévola tem sua utilidade, pois quando é identificada ocorre uma perseguição e a sociedade escolhe hostilizá-lo por senso de camaradagem e de autojustificação, “as pessoas que tradicionalmente costumavam temer a feitiçaria tendiam a acusar seus vizinhos de realizá-la com muito mais frequência em épocas de pressão e/ou de instabilidade político-economia e de mudanças culturais” (HUTTON, 2021, p. 78)

Na parte 3 da trilogia *Rua do Medo* os moradores da cidade se reúnem em assembleia e passam a inventar histórias sobre Sarah Fier e Hannah Miller, condizendo com as atitudes relatadas por Russell e Alexander (2019) sobre os membros de uma sociedade que tinham tendências de se unir para restabelecer a estabilidade em comunidades que passava por um período de mudanças culturais ou políticas-econômicas (figura 2).

Na cena os moradores se reúnem após diversas coisas ruins acontecerem na cidade, como morte de animais, a possessão da figura religiosa, a morte das crianças, etc. A comunidade não sabe explicar o que está acontecendo, até que um deles associa a relação sexual entre Sarah e Hannah como um portal para o mal. A narrativa mostra que o personagem que faz esse primeiro falso testemunho o faz por vingança a Sarah. Depois outros homens se juntam a essa alegação, dizendo que viram as duas fazendo bruxaria.

Figura 2 - Reunião dos moradores que acusam Hannah e Sarah de bruxaria



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Assim, “em tempos de deslocamento e dissolução dos valores, a feitiçaria e a bruxaria também podem funcionar como catalisadoras de um foco” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 22) e, ainda, “a criação de bodes expiatórios se torna intensa e amplamente difundida, como ocorreu na Europa durante a caça às bruxas, quando as inseguranças e os terrores da sociedade foram projetados sobre certos indivíduos que então eram torturados ou mortos” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 22-23). Os autores dizem que as acusações de bruxaria seguem linhas sociais, de acordo com os antropólogos, não há uma seleção aleatória.

Assim, é possível definir a feitiçaria como algo que “consiste no desempenho mecânico de uma ação física a fim de produzir uma outra: atar um

nó numa corda e colocá-lo debaixo de uma cama para causar impotência; consumir relações sexuais num campo lavrado para aumentar a colheita” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 25), variando entre as sociedades o significado de cada ação. Para uma sociedade espetar alfinetes num fantoche pode ser para causar danos, em outra pode ser para liberar poder da deidade.

A invocação de espíritos pode ser considerada uma feitiçaria mais complexa porque é uma forma de compelir os poderes dos espíritos. Embora a religião cristã também tenha a tendência de invocá-los, a intenção é de implorar para que lhes façam algo que foi pedido. Russel e Alexander (2019) especificam que a feitiçaria praticada de forma coletiva, para o bem de uma sociedade, é considerada uma religião, diferente da bruxaria individual ou antissocial que, em algumas sociedades, é colocada como algo fora da lei.

Os autores explicam a forma que o feiticeiro pode ser um objeto de exercício social, por exemplo, quando um homem sente uma câimbra, podem chamar um médico para que seja tratada a parte física, mas um xamã para tratar algo espiritual quando esse indivíduo acredita estar enfeitiçado de forma que pode aumentar sua dor por meio do seu medo.

Uma das características populares é de que as bruxas eram essencialmente solitárias, herdaram seus poderes ou eram possuídas por espíritos ruins. Mas, para alcançar isso, mesmo que não intencionalmente, a pessoa deveria ser de alguma forma má, “em todo o mundo, as bruxas sempre foram tratadas com aversão e horror, e associadas a posturas normalmente antissociais e a forças malignas no mundo sobrenatural” (HUTTON, 2021, p. 63).

Hutton (2021) explica que quando há um grupo de pessoas agindo em concordância se configura como religião, enquanto a magia pode construir uma religião de maneira independente. Essas pessoas podem ter diversos nomes, serem conhecidos como sacerdotes ou sábios no caso da Inglaterra, curandeiras(os) em sociedades fora da Europa, ou feiticeiros no caso da África. O uso de cada um desses termos se constitui pelo contexto cultural.

Um fato interessante para o qual apontam Russell e Alexander (2019) é que não existe um padrão de quem pratica bruxaria em todo o mundo, mas há semelhanças. Ao fazer uma comparação entre a bruxaria africana e a europeia, geralmente se identificam mulheres, quase sempre velhas, fazendo reuniões

durante a noite, mas muda a forma do seu corpo, como voam, sugam o sangue ou devoram órgãos de suas vítimas, comem crianças, montam em vassouras, voam nuas, dançam em volta de rodas e tem relações sexuais entre elas. Não existe nenhum registro de um grupo de feiticeiros realizando todas essas práticas, mas é interessante observar as semelhanças de crenças em diferentes sociedades.

Russel e Alexander (2019, p. 32) afirmam que “as possíveis explicações das semelhanças incluem: (1) coincidência; (2) difusão cultural; (3) herança arquetípica/estrutural; (4) existência de uma antiga e coerente religião universal de bruxaria”. A coincidência é pouco provável, porém considerar uma religião universal desconsidera as semelhanças entre elas (RUSSELL; ALEXANDER, 2019). A herança arquetípica ou estrutural é possível, já que padrões genéticos determinam a estrutura do cérebro humano, assim alguns aspectos podem ser geneticamente inerentes às estruturas cerebrais dos indivíduos (RUSSELL; ALEXANDER, 2019). Entretanto a difusão cultural é uma resposta muito plausível diante das argumentações anteriores, porém, “o número e o detalhe das semelhanças através de abismos de tempo e geografia é algo assombroso. O quebra-cabeças permanece por resolver” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 32).

Sabendo-se disso, é possível afirmar que a bruxaria não é uma forma de heresia a cristandade ou uma invenção do clero e da Inquisição. Principalmente não se restringe a Europa. Porém, há diversos elementos que transformaram a feitiçaria européia em algo diabólico, “antropólogos concluíram que as comunidades que são pequenas e nas quais a estrutura social é compacta mostram-se particularmente propensas a alimentar crenças feiticeiras, porque se sentem cercadas e ameaçadas” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 36). Já em sociedades nômades e comunidades em que as associações sociais são mais livres, a crença em feiticeiras é mais rara, “mas os antropólogos foram incapazes de correlacionar tipos específicos de crença com tipos especiais de padrões sociais” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 37).

No caso da crença no Diabo, deve-se os créditos à religião hebraica que o menciona como o antagonismo de Deus, sendo Deus o bem, e o oposto seria o mau. Na antiguidade, quase todas as religiões eram politeístas, então a feitiçaria

se transforma em um conceito diferente, enquanto a feitiçaria simples era mais mecânica, a feitiçaria que envolve invocação de espíritos eram consideradas “como hostis a humanidade. Agora são definidos como hostis a Deus” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 46), esses espíritos são diferentes de anjos e santos que não podem ser compelidos, somente suplicados.

Levitação, rituais de iniciação, assembleias, cozinhar corpos de crianças, orgias, todos esses elementos juntos em um cenário só, de acordo com Russel e Alexander, (2019) jamais ocorreram na Europa entre a Idade Média e Moderna, “as acusações que sentenciaram essas pessoas a morte eram, na melhor das hipóteses, distorcidas e exageradas; na pior, uma invenção e uma impostulação” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 53). Quase todos esses elementos vão ser representados na trilogia *Rua do Medo*, reafirmando os estereótipos do imaginário coletivo de imagem de uma bruxa, principalmente no segundo filme da trilogia, quando ainda não se sabe a verdadeira história de Sarah Fier.

Apesar dos estereótipos negativos, Anchieta (2021) afirma que as mulheres não foram vítimas passivas das acusações de bruxaria, e eventualmente elas usavam isto a seu favor. Em alguns casos, dependendo da sociedade, a bruxaria até lhes conferia prestígio. Houve relatos de freiras possuídas que relataram erros de padres e até levaram alguns à fogueira. Mas, apesar das vantagens, a maior parte delas foram perseguidas, “a feiticeira aos poucos se torna bruxa na Europa” (ANCHIETA, 2021, p. 29), as parteiras, benzedeiros, curandeiras, figuras comuns no meio rural do século XIV ao XVI, senão até a atualidade. Gradualmente, em muitos contextos, essas figuras passaram a não ser mais toleradas nas sociedades.

2.2 A bruxaria na Europa

Hutton (2021) descreve que na Europa Moderna eram consideradas bruxas por meio de três fundamentais componentes. Primeiro, as bruxas eram aquelas pessoas que apresentavam ameaça a seus iguais, que podiam causar infortúnio e dano, ou atacar fundamentos morais e sociais da sociedade que estavam. A segunda característica é que a bruxaria surgiu por sucessão, ou por manifestação espontânea. E “o terceiro componente do estereótipo europeu da bruxa era que esse indivíduo era alvo da hostilidade social generalizada, de um tipo muito forte” (HUTTON, 2021, p. 34).

Principalmente na sociedade europeia, as bruxas eram tratadas com horror e raiva públicos e espontâneos, a sociedade tinha uma aversão a elas. Eram vistas como detentoras de poderes sobrenaturais vindo dos cosmos, e no caso europeu, poderes por meio de um pacto com o diabo. A crença de que as bruxas deveriam ser combatidas era um consenso (HUTTON, 2021).

Para Russel e Alexander (2019) existem quatro interpretações da bruxaria européia:

1. A bruxaria nunca existiu e foi uma invenção da liderança religiosa para consolidar poder e enriquecer, “para essa escola, a história da bruxaria é um capítulo na história da repressão e da desumanidade” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 55);
2. Tradição folclórica ou murrayista que considera a bruxaria européia como um culto a Dianus, o deus chifrudo, uma religião antiga da fertilidade, com maior enfoque a deusa terra do que ao deus chifrudo;
3. A escola que mais tem influência na atualidade é a história social da bruxaria, considerando o padrão social de bruxaria. Considera a bruxaria uma superstição social;
4. Considera a bruxaria como um conceito que foi gradualmente reunido ao longo dos tempos, este grupo, como o anterior, desconsidera a bruxaria moderna, diferente da posição dos autores que consideram ambas.

Russel e Alexander (2019, p. 69) afirmam que “todas as sobrevivências da crença, do culto e da prática pagãos foram condenadas como demoníacas e

gradualmente suprimidas pela teologia e pelo direito cristão”. A crescente associação por parte dos civis da feitiçaria a demônios cresceu durante os séculos VIII e IX. O paganismo era previsto na lei como demonolatria, “a lei ajudou a transferir as características dos espíritos maléficos para as bruxas humanas. Os pagãos tinham adotado o costume de ofertar comida e bebida aos espíritos menores” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 70).

O ato de bruxaria passou a ser punido por lei, “a Alta Idade Média foi tolerante com a feitiçaria e a heresia, se comparada às torturas e execuções do Império Romano e aos enforcamentos e autos de fé da Baixa Idade Média e da Renascença” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 71), haviam penitências para os atos de idolatria, bruxaria e *maleficium* (palavra do latim que significa “fazer mal a alguém” passou a significar a bruxaria malévola de forma que *maleficus* ou *maléfica* era estritamente relacionada ao Diabo). As leis iam ficando cada vez mais severas e mais abrangentes.

Russel e Alexander (2019, p. 73) explicam que:

Feitiçaria, religião pagã e folclore foram os primeiros três elementos formadores da bruxaria européia; a heresia cristã era o quarto. Quando se iniciou a caça às bruxas, no fim da Idade Média, as suas crenças mais importantes eram: as cavalgadas noturnas; o pacto com o Diabo; o repúdio formal ao cristianismo; as reuniões secretas e noturnas; a profanação da eucaristia e do crucifixo; a orgia; o infanticídio sacrificial; e o canibalismo. Cada um desses elementos foi incorporado à tradição da bruxaria por causa da heresia, ou, pelo menos, substancialmente modificada por ela.

Foi crucial para demonizar o feiticeiro a ideia de um pacto, uma forma de distinguir a possessão da bruxaria. A bruxa serve o diabo conscientemente e por sua própria iniciativa, diferente da possessão, efeito em que o Diabo, contra a vontade de uma pessoa, a possuía (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

Na Inglaterra a bruxaria era um crime civil, já na maior parte da Europa continental a bruxaria era uma heresia, logo um crime de religião. O sexismo era explícito na distinção de quem era um feiticeiro ou não. O *Malleus Maleficarum* ou *O Martelo das Feiticeiras*, escrito durante o século XV, pode ser considerado como um manual de instruções de como identificar quem era mais propenso a praticar bruxaria, no caso, as mulheres eram apontadas como mais frágeis, estúpidas, supersticiosas e sensuais.

De acordo com *O Martelo das Feiticeiras*, “os quatro pontos essenciais da bruxaria eram a renúncia da fé católica, a devoção integral (corpo e alma) ao serviço do Mal, o sacrifício de crianças não batizadas e a prática de orgias que incluíam relações sexuais com o Diabo” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.102). A fogueira passou a ser uma punição para os hereges a partir do século XV, então muitas mulheres foram condenadas à fogueira logo na primeira acusação, sem chance de absolvição ou reincidência (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

Essas acusações e sentenças foram crescendo rapidamente, esse fenômeno pode ser dado ao fato de que os procedimentos de condenação eram facilitados pela inquisição, dificultando a comprovação de inocência, inaugurando, assim, a grande caça às bruxas (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

Para Russel e Alexander (2019) a caça às bruxas é um dos fenômenos mais importantes da maldade humana, se comparado com os crimes do nazismo e stalinismo no século XX. Os autores explicam esse fenômeno com base em um viés psicológico, “as pessoas projetam desejos e paixões perversos mais facilmente sobre os indivíduos isolados e solitários, como viúvas idosas e velhas enrugadas. Algumas das acusadas, impelidas pelo medo e pela culpa, acabam acreditando em sua própria culpabilidade” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 94).

Por trezentos anos o conceito de bruxaria permaneceu quase inalterado desde seu início no século XIV. Foi neste século também, que o uso das acusações de bruxaria tiveram finalidades políticas.

A argumentação para assassinatos de bruxas, sem a chance de seus julgamentos serem transgredidos, era pela atribuição ao pacto com o Diabo, de forma que uma vez feito, não havia mais solução para aquela pessoa, não havia como voltar atrás e resgatá-la por meio da Virgem ou de algum santo, “o suplício a o assanhado de bruxas eram aplicados, em última análise, para o próprio bem delas, assim como para o de Deus e da sociedade” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 99). As pessoas que confessaram seus atos de bruxaria podem ser explicadas pelo uso de torturas na maioria das vezes, assim, induziram confissões e comprometeram cúmplices.

Entre os anos de 1560 e 1660 se deu o auge da caça às bruxas na Europa, principalmente pelas tensões crescentes entre católicos e protestantes

por decorrência da Reforma. As perseguições às bruxas ocorrem tanto pelos protestantes, quanto por católicos, até em quase mesma proporção (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

Russel e Alexander (2019) afirmam que após o século de 1700 a proporção de caça às bruxas cai consideravelmente, e ainda dizem que seu declínio é tão fascinante quanto sua ascensão. Porém, não cabe nesta pesquisa se estender até esse momento histórico, uma vez que um dos limites desta investigação são eventos que podem estar atrelados à representação de bruxaria no terceiro filme da trilogia *Rua do Medo*, que se passa em 1666.

2.3 Bruxaria nas ilhas britânicas

Sendo substancialmente diferente da Europa continental, as Ilhas Britânicas seguem uma fraca tradição de heresia, diferente do direito romano que transformaram as antigas tradições da bruxaria a um culto a Satã, “a bruxaria inglesa permaneceu mais próxima da feitiçaria, embora com ênfase muito maior nos poderes negativos da bruxa para enfeitiçar e rogar pragas” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p. 115).

As bruxas britânicas se assemelhavam aos feiticeiros africanos, causando doenças e danos a animais e crianças. Essas feiticeiras não voavam, não se reuniam em orgias, danças e festins, não praticavam perversões sexuais e nem mesmo tinham pacto com o Diabo (essa característica sofre alterações com o passar dos anos, e em 1604 o estatuto contra a bruxaria inclui pacto e culto diabólico).

Houve um estatuto revogado contra bruxaria na Inglaterra em 1542, durante o reinado de Henrique VIII. Em 1563, no reinado de Elizabeth I, foi determinada a pena de morte para bruxas, mágicos e feiticeiros, processados não de acordo com o direito eclesiástico, mas pelo direito civil. Por isso as bruxas na Inglaterra eram enforcadas e não queimadas como na Europa continental (RUSSELL; ALEXANDER, 2019).

De acordo com Russel e Alexander (2019) o auge da caça às bruxas foi durante a guerra civil, que trouxe ansiedades e inseguranças durante a década de

1640. Neste ano, a região que hoje é os Estados Unidos era uma colônia da Inglaterra.

O terceiro filme da trilogia *Rua do Medo* é ambientado em 1666 e tem coerência histórica, pois de acordo com Russell e Alexander (2019), o primeiro enforcamento que se tem registro de bruxa nas colônias inglesas ocorreu em Connecticut, em 1647.

Enquanto isso, no início do século XVIII a bruxaria já não era tão considerada pelos intelectuais na Inglaterra. As crenças populares em bruxaria passaram a ser desvanecidas pelas autoridades governamentais, praticamente finalizando os julgamentos de bruxas nas últimas décadas do século XVII, e o último processo de bruxaria terminou em absolvição em 1731.

Uma vez compreendido que a bruxaria existe culturalmente no mundo inteiro, quais eram as características da européias e como aconteceu na Inglaterra e em suas colônias, cabe investigar sobre o gênero de horror no cinema, tema do próximo capítulo.

3. CINEMA DE HORROR

Como os filmes da trilogia *Rua do Medo* pertencem ao gênero de horror, apresenta-se neste capítulo quais são suas características e quais as origens dessa classificação.

De acordo com Edgar-Hunt, Marland e Rawlel (2013), os filmes não são criados a partir do nada, eles surgem de tradições cinematográficas e são produzidos dentro de um contexto social. Cada filme tem um conjunto de órgãos vitais: mitos antigos, tipos de personagens conhecidos e as convenções usadas em narrativas, "o cinema é um produto cultural. Ele não cresce, é construído" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p.70)

A análise fílmica do cinema de horror, de acordo com Larocca (2016), ainda é um objeto de estudo escasso. Existem diversos estudos que demonstram que este gênero é de grande impacto na vida das pessoas, "o horror consegue capturar sentimentos, ansiedade e temores culturais, de forma que os medos e inseguranças coletivas de uma sociedade pareçam projetadas nas telas do cinema" (LAROCCA, 2016, p. 14-15). Apesar disso, o cinema de horror ainda é visto como cinema de mau gosto, ou até mesmo sem validade cultural ou artística. É uma interpretação equivocada.

De acordo com Carroll (1999), não se pode presumir que todos os gêneros fílmicos devam ser analisados da mesma forma. Sobre o cinema de horror, é possível identificar nas suas variações a presença de monstros, o terror de psicologias anormais ou de entidades sobrenaturais e, ainda, o de ficção científica.

O autor (CARROLL, 1999) complementa que há monstros em todo tipo de história, em contos de fadas, mitos e odisséias, porém não são identificados como horror. Para isso acontecer, o monstro tem que ser central na história e precisa ser distinguido de alguma forma dos monstros das histórias de contos de fadas.

O horror tem efeitos emocionais sobre o público, assim como explana Carroll (1999). O autor chama o gênero de "horror artístico", pois "nem tudo o que aparece nas artes, poderia ser chamado de horror e horror artístico" (CARROLL, 1999, p. 28), referindo-se a aparição de monstros em filmes de contos de fadas,

mas também a monstros ou entidades presentes no gênero cinematográfico que será explorado nesta investigação.

O gênero recebe o nome da emoção que provoca o afeto de horror no público. Horror artístico é diferente de um filme que busca em algum momento de sua narrativa gerar horror no espectador, porém não necessariamente é classificado como um filme de horror. No horror artístico há a intenção de gerar esse sentimento no público no decorrer de toda a narrativa.

Para um filme de horror ser classificado desse modo é necessário que haja na narrativa a presença de um monstro ou entidade. O monstro no horror é um personagem extraordinário no mundo ordinário, de forma que os personagens humanos parecem positivos na história, e é isso que o difere dos contos de fada. Como explica Carroll (1999, p. 77) "o universo de conto de fadas aceita criaturas como a Fera como parte e parcela da natureza", referindo-se ao filme "A Bela e a Fera" (1991), que apresenta um mundo mágico com criaturas mágicas e a personagem da Fera se enquadra nesse mundo de forma natural. A narrativa se constrói de forma que você sinta pena da Fera e não horror a ela.

Mesmo ao cair na categoria de fantástico-maravilhoso, não seria possível especificar o afeto envolvido no gênero de horror. Contudo, em geral, o gênero é marcado por respostas emocionais do público que se assemelham com as respostas emocionais expressas pelos personagens (CARROLL, 1999). Segundo o autor, "nas ficções de horror, as emoções do público devem espelhar as dos personagens humanos positivos em certos aspectos, mas não em todos" (CARROLL, 1999, p.34), e complementa dizendo que "arrepio, náusea, encolhimentos, paralisia, gritos e repugnância, nossas respostas devem, idealmente, correr paralelas às dos personagens. Nossas respostas devem convergir (mas não duplicar exatamente)" (CARROLL, 1999, p. 34).

Em concordância com esta definição, Larocca (2018) afirma que é inegável que o gênero horror conta com a presença de monstros, bruxas, vampiros e lobisomens. Embora tenham origens mais complexas e antigas, essas figuras, ao serem apropriadas pelo audiovisual, mantêm algumas características que são facilmente identificadas pelo público. Larocca (2018) afirma que no caso da bruxa, o gênero feminino é essencial para sua identificação, pontuando que "além da essência maligna e destrutiva, sua imagem aparece por meio de dois

estereótipos: a mulher velha, com pele pálida, verrugas e nariz retorcido, e a bruxa jovem, poderosa e sexualmente ativa" (LAROCCA, 2018, p. 106).

Em *Rua do Medo: 1994*, logo nos primeiros minutos de tela, o público é apresentado a uma personagem, Heather, que trabalha no turno da noite em um shopping e tem uma amizade com um colega de trabalho, Ryan. Ele se oferece para acompanhá-la até sua casa e Heather aceita a proposta, afirmando não querer ir embora sozinha. Nesse momento o público cria uma conexão com Heather, por meio de um fato do dia-a-dia, requisitar companhia para ir embora à noite.

Na cena em questão, Heather fecha a loja onde trabalha quando o shopping está praticamente vazio, até que ela percebe alguém a observando. Num primeiro momento ela fala em voz alta, cogitando ser uma brincadeira de Ryan. Porém, o que está atrás dela é uma pessoa encapuzada, mascarada e com uma faca na mão, a emoção que ela esboça é pânico.

Nesse momento é construída uma emoção de tensão, não só pela música, mas pelo afeto às emoções da personagem, que vai demonstrar medo e desespero em suas ações, como ao correr, gritar por socorro, buscar ajuda de seu amigo Ryan, tentar se esconder, e também por suas expressões, tom de voz, respiração rápida e ofegante. Ao ver esta cena, o público pode se identificar com Heather, e é comum que pessoas assistam à um filme reajam em voz alta como se estivessem participando dele, dizendo coisas como: "não vai por aí", "se fosse eu ficaria escondida neste lugar para sempre", "ele está atrás de você! Olha para trás". Essas são construções de narrativas comuns no cinema de horror.

A personagem tenta fugir, encontra alguém sentada na praça de alimentação e ao se aproximar, percebe que esta pessoa está morta e ensanguentada. Em pânico corre em direção à saída, avista mais pessoas mortas, o assassino começa a se aproximar rapidamente, levanta a faca e acerta as costas de Heather, como se vê na figura 3.

Neste momento o público perde a esperança da personagem conseguir sobreviver, trazendo decepção diante do fracasso da fuga, o tom da música muda para mais dramático, a cena passa a ser em câmera lenta. Esses afetos continuam sendo construídos quando a personagem retira a máscara do assassino lentamente e se revela por debaixo dela o rosto do seu amigo, Ryan,

tirando da boca da personagem as palavras "por que?", induzindo o público a ter o mesmo questionamento e construir teorias sobre o que pode ter levado Ryan a assassinar Heather, sendo que aparentavam-se como grandes amigos minutos antes.

Figura 3 - Cena da morte da personagem Heather em Rua do Medo: 1994 (2021)



Fonte: Rua do Medo: 1994 - Parte 1

Carroll (1999) aponta que os sentimentos do público assistindo a um filme podem acompanhar emoções e agitações físicas, e podem variar de pessoa para pessoa.

Essa mesma apresentação carismática de um personagem, seguida por sua morte são construídas nos primeiros minutos do filme de horror "Pânico" (1996), por exemplo, sendo a garota perseguida representada pela atriz Drew Barrymore. Provavelmente *Rua do Medo: 1994* fez uma homenagem a este filme, é uma cena muito conhecida pelos fãs de cinema de horror. A caracterização de Ryan, colocando uma máscara e uma túnica é similar ao assassino de Pânico (figura 4).

Figura 4 - Cena da morte da personagem interpretada por Drew Barrymore em Pânico (1996)



Fonte: Pânico

Sobre as similaridades das duas cenas, "o cinema é diálogo. Qualquer filme traz referências (mesmo que de forma indireta) a outros filmes e é, ao mesmo tempo, uma resposta a eles" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 70). A intertextualidade no cinema não é um roubo, mas algo característico e esperado, pois qualquer filme dialoga com o que foi feito antes dele.

Mas no que o cinema de horror se difere do gênero de suspense? Em uma cena hipotética em que o personagem corre para os trilhos de trem para tentar salvar a mocinha indefesa amarrada no trilho, as emoções do personagem e do público não são paralelas, o personagem não pode sentir as mesmas emoções de horror, ele precisa agir de outras formas e não pode ser tomado pelo pânico para salvar o dia (CARROLL, 1999). A definição de Carroll (1999) para horror implica na presença de uma entidade ou monstro, com objetivo essencial da criação da emoção do horror artístico, e os eventos não são objetivos primários dentro do horror artístico.

O autor argumenta que o monstro do filme de terror também tem características que podem se relacionar com a emoção de nojo, repugnância, ameaça e que trazem sensação de impureza. Outra característica deste gênero é o conceito do monstro/criatura ser possível na realidade, como quando alguém tem medo de andar pela casa escura durante a noite porque pode haver um fantasma.

No caso do primeiro filme da trilogia *Rua do Medo*, a bruxa não aparece em cena, mas ela é a entidade a ser temida, construída como perigosa e que não pode ser provocada porque envia assassinos - já mortos - para perseguir os personagens e tentar matá-los. Neste caso pode provocar o pensamento de impuro, nojento e repugnante, porque os assassinos são mortos-vivos. Junto disso é construída a ameaça, porque são inimigos que não podem ser mortos e derrotados.

No segundo filme da trilogia, as mesmas características prevalecem ao recontar os fatos do que aconteceu no acampamento de verão no ano de 1978. A bruxa não aparece efetivamente como um personagem, mas somente é descrita e é demonstrado o perigo de confrontá-la.

No terceiro e último filme da trilogia essa narrativa apresenta uma nova abordagem. Ao voltar para o passado, a história se desenvolve para que o público se identifique e tenha afeto pela personagem Sarah Fier. Depois, ao retornar a 1994, ano do primeiro filme, a emoção que melhor descreve seria a esperança para que os personagens consigam colocar fim na maldição, sabendo agora quem é o verdadeiro vilão da história. O terror continua com a perseguição dos assassinos. Carroll (1999) afirma que determinadas estruturas narrativas, táticas de susto (movimentos bruscos), imagens (como a aparição de um esqueleto) e a iluminação caracterizam um filme de horror. Todos esses artifícios estão presentes na *Rua do Medo: 1666*.

Foi possível verificar como e porquê a trilogia analisada se enquadra como o gênero de horror e quais emoções a narrativa constrói sobre a personagem a bruxa. O próximo tópico trata, então, da análise fílmica.

4. ANÁLISE FÍLMICA

De acordo com Penafria (2009) a análise de filmes se faz presente em vários discursos, incluindo em críticas de cinema de jornais e revistas. Segundo a autora, analisar o filme é sinônimo de compor esse mesmo filme.

Não há uma metodologia universal de como se deve fazer uma análise fílmica, então Penafria (2009) sugere a análise textual, análise de conteúdo, análise poética e análise da imagem e do som. Contudo, neste trabalho será feita a análise de personagem, por meio das imagens das cenas do filme e da construção narrativa da personagem.

A linguagem cinematográfica é composta por várias linguagens diferentes. Agrega em si várias outras artes como a fotografia, pintura, palavra-falada, dança, teatro, música e arquitetura. Para Edgar-Hunt et al (2013) ao produzir um filme se conta uma história com imagens, mas o filme não é só deixar a câmera rodar, "a câmera não é responsável pelas imagens na tela" (EDGAR-HUNT et al, 2013, p. 13), mas sim quem produz o filme, e a imaginação é a ferramenta fundamental para seleção das imagens necessárias para contar uma história. Os autores afirmam que toda imagem tem uma história, e se bem desenvolvida, a partir de um único quadro é possível compreender muitos aspectos do que está sendo contado.

Partindo dessas explicações, foi elaborada uma análise dos três filmes, com a construção de uma ficha técnica. Esse foi o ponto de início, seguido da análise de cenas e imagens relacionadas à personagem Sarah Fier.

De acordo com Penafria (2009) existem características importantes a serem observadas sobre o filme que estão indicadas na ficha técnica, como é possível observar no Quadro 1.

Quadro 1 - Ficha técnica da trilogia

	Filme 1	Filme 2	Filme 3
Título traduzido	Rua do Medo: 1994 - Parte 1	Rua do Medo: 1978 - Parte 2	Rua do Medo: 1666 - Parte 3
Título original	Fear Street: 1994	Fear Street: 1978	Fear Street: 1666
Diretora	Leigh Janiak	Leigh Janiak	Leigh Janiak

Ano	2021	2021	2021
Estréia	2 de julho de 2021	9 de julho de 2021	16 de julho de 2021
Distribuidora	Netflix	Netflix	Netflix
País	Estados Unidos da América	Estados Unidos da América	Estados Unidos da América
Gênero	Mistério, Terror, Teen, LGBTQ	Mistério, Terror, Teen	Teen, Terror, LGBTQ
Duração	107 minutos	110 minutos	114 minutos
Classificação	16 - Não recomendado para menores de 16 anos	18 - Não recomendado para menores de 18 anos	18 - Não recomendado para menores de 18 anos
Sinopse	Depois de uma série de assassinatos brutais, um grupo de adolescentes enfrenta uma força maligna que aterroriza a cidade há séculos. Bem-vindos a Shadyside.	Na cidade amaldiçoada de Shadyside, uma onda de assassinatos aterroriza o Acampamento Nightwing, transformando as férias em uma luta pela sobrevivência.	De volta a 1666, Deena descobre a verdade sobre Sarah Fier. Em 1994, os amigos lutam para sobreviver e pelo futuro de Shadyside.
Temas	A bruxa é a culpada pelos assassinatos que acontecem na cidade de tempos a cada uma quantidade de anos. Acreditam que o espírito da bruxa possui uma pessoa que comete uma série de assassinatos e depois retira a própria vida.	É recontado o que aconteceu no acampamento em 1978, onde um jovem é possuído e mata quase todas as crianças de Shadyside. Descobrem mais sobre a bruxa e como poderiam derrotá-la.	Demonstração histórica de como as mulheres são culpadas ou interpretadas como bruxas ou com influências malignas quando não se enquadram dentro dos padrões sociais.

Fonte: Autoria própria.

Nos próximos tópicos será realizada uma descrição dos acontecimentos da trilogia *Rua do Medo*, com o objetivo de apresentar a história para a pessoa leitora, principalmente para quem não assistiu aos filmes.

4.1 Trilogia Rua do Medo

O objeto de estudo deste trabalho são as representações de bruxas presentes na trilogia de filmes *Rua do Medo*, lançados na plataforma da *Netflix*, com intervalos de uma semana, na segunda metade do ano de 2021. O primeiro filme tem o título no Brasil de *Rua do Medo: 1994 - Parte 1*, o segundo é *Rua do Medo: 1978 - Parte 3*, uma sequência do primeiro filme, mas que acrescenta uma nova história e personagens a trama, com uma personagem contando sua experiência com a maldição da bruxa em 1978 e, por fim, o terceiro filme intitulado *Rua do Medo: 1666 - Parte 3*, no qual a bruxa leva a personagem Deena ao passado, revelando sua verdadeira história.

O resumo estendido dos filmes se encontra em apêndice A.

4.1.1 Rua do Medo: 1994 - Parte 1

O filme inicia com uma perseguição descrita no capítulo anterior (página 31). A cidade de *Shadyside* (o nome da cidade é a junção das palavras em inglês *shady* - sombrio - e *side* - lado) é amaldiçoada por uma bruxa como forma de se vingar por ter sido morta, enquanto a cidade vizinha *Sunnyville* (em inglês *sunny* - ensolarado - *ville* - vila) é muito próspera e todos que moram nela obtêm sucesso.

Sam é perseguida por mortos-vivos de antigos assassinos de *Shadyside* após ter uma visão da bruxa (Sarah Fier) ao tocar nos ossos dela. Deena, seu irmão Josh e Katie e Simon passam a trama toda descobrindo histórias da morte da bruxa e tentam encontrar formas de salvar Sam (que tem uma relação amorosa com Deena).

No final Katie e Simon morrem e param as perseguições dos mortos-vivos depois de Deena afogar Sam com intenção de fazer seu coração parar de bater, como aconteceu com uma sobrevivente de um acampamento de verão em 1978, e depois foi reanimada. Elas e o Josh sobrevivem.

C. Berman entra em contato e diz que a maldição da bruxa nunca acaba e Sam é possuída pela bruxa e tenta matar Deena.

4.1.2 Rua do Medo: 1978 - Parte 2

O filme continua a narrativa do filme anterior. Sam está possuída e Deena e Josh vão até C. Berman para que ela conte como ela sobreviveu e lhes dê mais informações sobre a maldição da bruxa para salvar Sam.

C. Berman conta o que aconteceu no acampamento de verão com crianças de *Shadyside* e *Sunnyville*. Ziggy é uma jovem rebelde que é irmã de Cindy que namora Tommy. A enfermeira Mary tenta matar Tommy afirmando que viu o nome dele e ele mataria outras pessoas e depois iria morrer naquele dia. Cindi, Tommy, Alice e seu namorado encontram diário da enfermeira que leva até um túnel subterrâneo feito de pedras, neste lugar eles encontram nomes de todos os assassinos da cidade, incluindo de Tommy que é possuído e mata o namorado de Alice e segue matando crianças de Shadyside.

Cindy e Alice descobrem mais histórias de Sarah Fier e onde ela morreu e encontram os ossos de sua mão. Enquanto isso, Ziggy tenta sobreviver com ajuda do monitor Nick Goode, que em 1994 é o delegado das duas cidades.

Cindy mata Tommy, Alice encontra os ossos da mão da Sarah Fier e Ziggy tem uma visão da bruxa. Alice morre, Ziggy começa a ser perseguida por mortos-vivos dos antigos assassinados da cidade, da mesma forma que Sam foi no primeiro filme. Ziggy e Cindy tentam reunir a mão com o restante dos ossos de Sarah Fier para acabar com a maldição, mas não encontram o corpo.

Ziggy e Cindy morrem, mas Ziggy é reanimada por Nick Goode.

Deena e Josh encontram a mão de Sarah Fier. Deena reúne os ossos e então tem uma visão da bruxa.

4.1.3 Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Denna está no corpo de Sarah Fier, e descobre a história do dia de sua morte em 1666, em uma pequena colônia americana. Sarah tem um envolvimento amoroso com Hannah Miller, e depois disso começam a acontecer diversas coisas estranhas na cidade, ambas temem ser um castigo por suas atitudes.

O pastor da cidade, possuído, mata dentro da igreja 12 crianças e arranca os olhos delas e os seus. O Padre é morto e há uma reunião para identificar os

culpados. Principalmente os homens culpam Sarah e Hannah de bruxaria e as perseguem.

Sarah descobre que Solomon Goode foi o responsável por oferecer a cidade em troca de prosperidade, ele fez um pacto e ofereceu o nome do pastor. Sarah não concorda e tenta fugir e o Solomon corta sua mão que fica no túnel de pedras.

Sarah é condenada a enforcamento e forçada a confessar crimes de bruxaria, então para salvar Hannah ela diz que foi ela e antes de sua morte amaldiçoou Solomon, dizendo que nunca descansará até a verdade ser revelada.

Em 1994, Deena, Josh e C. Berman descobrem que as perseguições acontecem para tentar guardar o segredo da família Goode, porque a criatura que os Goode oferecem nomes se alimenta do sangue dos *Shadysiders* mortos.

Eles matam Nick Goode acabando com a maldição da cidade.

4.2 Identificando significados

Uma vez feito esse primeiro contato técnico com os filmes, parte-se para outro tipo de análise.

As imagens no cinema são inflexivelmente concretas, nunca são vagas. Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013) recomendam que seja exercido o máximo de controle sobre o que se vê e ouve em um filme. Geralmente, pequenos detalhes contam aspectos importantes, como o brilho no olhar de uma noiva numa cena de casamento entre uma série de outros elementos clichês, que "se forem escolhidas e montadas com cuidado, o público sentirá a mesma tensão como se fossem os convidados na igreja" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 15). Conseguimos pensar em diversas imagens do cinema que, uma vez vistas, dificilmente serão esquecidas.

Personagens são formados por fragmentos de informação, como palavras faladas, gestos e características físicas, todos estes elementos são selecionados cuidadosamente para criar a ilusão de um humano na vida real. Na semiótica cinematográfica, as narrativas são construídas por meio de segmentação de várias partes dos filmes, não só por uma cena ou só uma fala, mas o conjunto de todos os elementos que contém significados em seus signos os significados mais

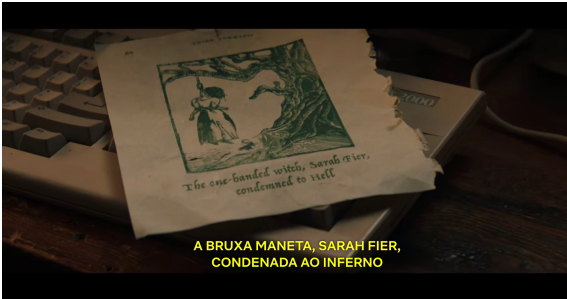
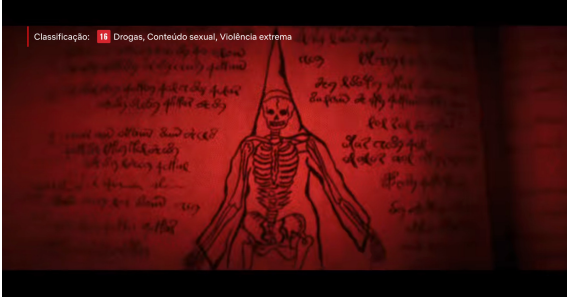



fundamentais EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013). Assim, "um signo é qualquer coisa que podemos ver, ouvir ou sentir que se refere a algo que não conseguimos ver, ouvir ou sentir - geralmente algo ausente ou abstrato" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 18), e quando prestamos atenção em algo de forma evidente, se torna um signo. "O cinema é a arte da abreviação visual" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 19).




A interpretação de um signo acontece de forma diferente para cada público e indivíduo, dependendo do humor ou do momento da experiência. De acordo com Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013), a semiótica compreende o signo em duas partes: a parte física do objeto tangível, a resposta externa; e a parte psicológica da reação ao objeto, a resposta interna. Os autores exemplificam isso ao apontar como uma lágrima no cinema, por exemplo, é capaz de comunicar tristeza. Os autores ressaltam também a existência da metáfora e metonímia para transmitir um significado, ao estabelecerem relações de semelhança e comparação.

Existe uma sequência de narrativa clássica de Hollywood, apresentando o filme em três estágios: apresentação, confrontação e resolução (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013). A trilogia *Rua do Medo* não tem uma construção narrativa muito diferente dessa descrição. Apesar de ser importante compreender essa estrutura, ela não está dentro da proposta de estudo do presente trabalho, e a análise de personagem em cena será o foco dos próximos tópicos. Para tanto, foi feita a captura das imagens das cenas relacionadas com a representação da bruxa. Essas imagens estão listadas e descritas nos quadros 2, 3 e 4.

Iniciando com a apresentação da bruxa como vilã principal em a *Rua do Medo: 1994 - Parte 1*.

Quadro 2 - Análise de signos da bruxa em Rua do Medo - 1994



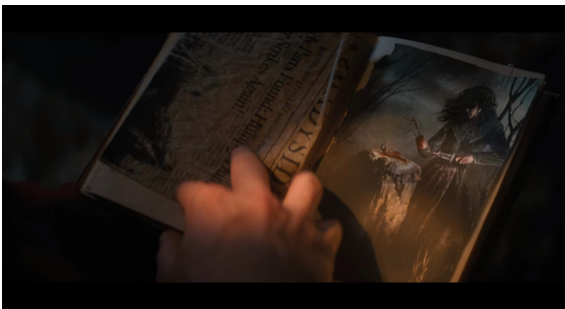

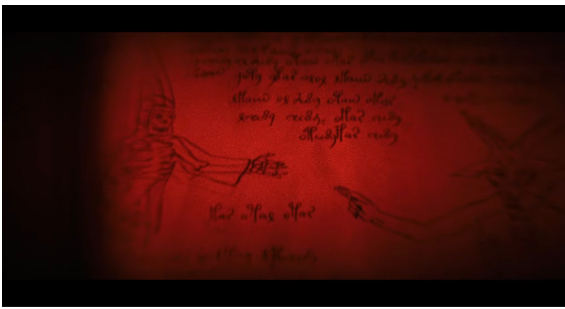
Cena	Descrição e significados
	<p>Um papel rasgado de um livro, nele há um desenho de uma mulher enforcada numa árvore. Texto: A bruxa maneta, Sarah Fier, condenada ao inferno.</p>
	<p>Visão. Imagem de um livro ou diário trazendo um desenho associado a roupas de religiões ocultistas</p>
	<p>Ilustração de livro no qual Sarah Fier é acorrentada a um figura com capa e foice, simbolizando a morte.</p>
	<p>Ilustração de Sarah Fier cortando e oferecendo sua mão ao diabo, em troca de poderes.</p>
	<p>Visão. Pés pendurados sugerindo um enforcamento.</p>

	Visão. Mulher gritando, esboçando sentimentos de raiva.
	Visão. Pessoa com cabelos desganhados, pendurada por uma corda, indicando enforcamento.
	Visão. Mulher com expressão de dor.

Fonte: Rua do Medo: 1994 - Parte 1

Todas as vezes que alguém tem contato com as visões da bruxa, essas cenas aparecem em segundos e muito rapidamente, portanto não é possível se deter nas imagens. Sempre que há uma visão da bruxa, as cenas estão em vermelho, provavelmente para distinguir da realidade e mostrar ao espectador que se trata de uma memória ou lembrança.




Quadro 3 - Análise de signos da bruxa em Rua do Medo - 1978





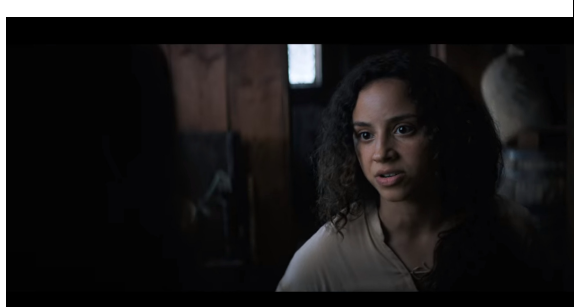
Cena	Descrição
	<p>Ziggy pendurada na árvore como punição pelos adolescentes de <i>Sunnyville</i>, quando dizem que esta é a árvore que Sarah Fier foi enforcada e que ela deveria ser também porque é uma bruxa.</p>
	<p>Escritos que os adolescentes de <i>Sunnyville</i> fazem no quarto de Ziggy.</p>
	<p>Diário da enfermeira Mary com imagens da bruxa cortando sua mão e recortes de jornais.</p>
	<p>Esqueleto da mão que Sarah Fier teria cortado para fazer o pacto</p>
	<p>Visão. Livro ou diário com desenhos de caveiras vestida com roupas de rituais e um ser metade bode metade humano.</p>


	Pedra encontrada no túmulo da Sarah Fier com os dizeres "A bruxa sempre vive".
	Visão. Sarah Fier segurando uma faca com a mão ensanguentada em cor vermelha, como nas visões anteriores.
	Sarah Fier em cores indicando que não é mais uma visão, e sim a realidade.
	Personagem Deena no lugar de Sarah Fier.
	A personagem Deena olhando para o reflexo na água indicando que ela está no corpo de Sarah Fier.

Ao final da parte 2, o filme mostra que a personagem Deena está no corpo de Sarah Fier, embora para o público ela tenha as características físicas da personagem Deena, a montagem mostra que no ano de 1666 ela é Sarah Fier, e quando Sarah olha no reflexo, ela vê a outra atriz que interpreta a personagem. Em *Rua do Medo: 1666 - Parte 3* Deena está na pele de Sarah Fier e pode reviver os seus últimos momentos de vida.

Quadro 4 - Análise de signos da bruxa em Rua do Medo - 1666

Cena	Descrição
	<p>A atriz que interpreta Deena representando a personagem Sarah Fier em sua memória, vestindo roupas de outras época. O cenário e as figurações representam o mesmo tempo histórico.</p>
	<p>Sarah Fier e suas duas amigas indo para um encontro de jovens durante a noite no meio da floresta.</p>
	<p>Sarah Fier sob efeito de substância em um encontro entre jovens da comunidade.</p>

	Homem que Sarah Fier agrediu após ele tentar agarrar Hannah Miller.
	Sarah Fier e Hanna Miller ouvindo barulho de que alguém poderia estar as observando.
	Sarah Fier sendo olhada por todos da comunidade após descobrirem que ela e sua amiga tiveram uma relação sexual.
	Solomon Goode enquanto visita Sarah.
	Sarah Fier conversando com Solomon sobre as pragas que estão atingindo a colônia e a preocupação de que isso pode ser culpa dela.

	Sarah Fier fugindo de Solomon, após descobrir que ele foi o culpado por fazer um pacto.
	Sarah Fier tendo sua mão cortada ao tentar fugir de Solomon.
	Sarah Fier gritando de dor como nas cenas de visões em vermelho que apareceram anteriormente.
	O homem segurando Sarah Fier e dizendo a comunidade que capturou a bruxa e a mostrando para todo o povoado.
	Sarah Fier e sua amiga sendo acusadas de bruxaria.

	<p>Sarah Fier mentindo em confissão, dizendo ser responsável pelos feitiços que aconteceram na comunidade para salvar Hanna.</p>
	<p>Sarah Fier morta.</p>
	<p>Nick Goode com túnica preta diante da marca que ele oferece os nomes dos moradores de Shadyside.</p>

Fonte: Rua do Medo: 1996 - Parte 3

Na história de um filme há eventos (acontecimentos), personagens (com interações e ações) e o cenário (tempo e local que os personagens existem enquanto as coisas acontecem). Ao produzir um roteiro, alguns aspectos precisam ser priorizados, como a caracterização para ajudar a personagem a se tornar verossímil, o tempo onde tudo acontece e a focalização de forma a ressaltar o ponto de vista do personagem (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013).

O desenvolvimento de eventos, personagens e cenários acontece nos três filmes. Há ambientação dos anos 1994, 1978 e 1666, com tecnologias respectivas de seu tempo, a caracterização dos personagens, formas de falar e agir, músicas e, até mesmo, a forma de falar.

Edgar-Hunt, Marland e Rawle (2013, p. 96) afirmam que "a posição mais perigosa que um cineasta pode ter é a de pensar que está livre de ideologia", pois todo indivíduo tem crenças e pontos de vista dentro de sua posição social e

cultural, a "ideologia é um corpo sistemático de ideias, atitudes, valores e percepções, assim como das visões, atitudes, posições e dogmas de um grupo social" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 97). A ideologia é visível e invisível, podendo ser consciente ou inconsciente, além de impactar de todas as formas a existência humana.

Tudo dentro de um quadro de imagem tem significado, então a câmera não grava simplesmente, mas altera e acrescenta significados ao que está diante da lente. Dentro de um quadro podemos ler diversos signos como plano, foco, cor, performance e figurino, "a imagem nunca é produzida simplesmente para parecer interessante ou divertida, mas para apresentar uma imagem específica de espaço, tempo e significado da narrativa" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 138). Assim, entende-se que "o significado não reside no filme como algum tesouro enterrado à espera da descoberta. O significado é o resultado da interação entre o filme e o público - é um processo flutuante apenas parcialmente comandado pelo cineasta" (EDGAR-HUNT; MARLAND; RAWLE, 2013, p. 26).

Nos dois primeiros filmes da trilogia há uma representação da bruxa com imagens que se referem a mistério e incertezas, e o uso das cores e da iluminação permanecem semelhantes. Já no terceiro filme, quando é desvendado todo o mistério da história de Sarah Fier, apesar da personagem não ser mais apresentada como vilã, ainda há uso de pouca iluminação, técnicas de filmagem para susto e construção de tensão, ou cenas em ritmo acelerado. Existe, assim, a construção do afeto de horror, analisado no capítulo 3.

As cenas que têm as visões da bruxa no primeiro e no segundo filme são muito diferentes da construção de iluminação das cenas de ação quando a trama está em 1994, conforme mostrado na figura 5. Enquanto há um uso de iluminação neon e linguagem de comunicação para o público mais jovem, as cenas de visão das bruxas são rápidas, escuras ou vermelhas, e algumas remetem a outro tempo, gerando mistério. Nem sempre há essa iluminação neon nas cenas de 1994, mas nos momentos de ação e de resolução da história, o uso dessa iluminação é utilizada. Cabe observar essa diferença de imagem que se apresenta ao público ao construir diferentes sentimentos na pessoa que assiste.

Figura 5 - Shopping com luzes neon, personagem Deena e seu irmão em Rua do Medo: 1666



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

As demais cenas e os outros personagens não foram analisados neste recorte, embora tenham sido citados no decorrer do documento para traçar um paralelo ou analisar uma relação importante com a bruxa. As demais cenas citadas como a da figura 8 servem apenas para analisar as cenas listadas nos quadros 2, 3 e 5.

4.3 Análise da representação de bruxa na trilogia Rua do Medo

Muitas das descrições das crenças em bruxaria na Europa Moderna coincidem com as representações e construções dos mitos e fatos em torno da personagem Sarah Fier.

4.3.1 Sarah Fier e a sexualidade

Acreditava-se que o diabo era o responsável por incitar o sexo entre mulheres jovens, casadas e grávidas. Anchieta (2021) menciona a homossexualidade e a quebra de votos religiosos representadas em gravuras como um sinal negativo e, então, características de bruxas. Todas essas atitudes vistas como "pecaminosas" eram incitadas pelo diabo e associadas à magia da

mulher, que era demonizada pela Igreja. Esse discurso foi se modificando de forma que cada vez mais o diabo passou a não ser mais responsabilizado por atrair e raptar moças indefesas, e sim a bruxa que era a entendedora de seus pecados.

O cinema tem transformado a narrativa de diversos estereótipos negativos da mulher e da bruxa, e "ressignifica assim, por meio da linguagem e técnica audiovisual, a ideia antiga de que a sexualidade feminina é uma força perigosa, que pode despertar forças, poderes ou desejos destrutivos" (LAROCCA, 2018, p. 105). Essa afirmação pode se aplicar a trilogia *Rua do Medo*, uma vez que é construída a narrativa de que a sexualidade de Sarah Fier é algo provocador pelo mal, e no filme uma das personagens descreve sua característica de orientação sexual como abominação.

No filme, como já mencionado anteriormente, Sarah e Hannah tem uma relação e este é o principal motivo apresentado como prova de que as duas eram bruxas, as pessoas as condenam dizendo que elas abriram as portas do inferno pela atitude que tiveram. Essa representação de narrativa é condizente com possíveis acusações e crenças nos comportamentos das pessoas que foram condenadas por bruxaria durante a modernidade (figura 6).

Figura 6 - Hannah Miller e Sarah Fier se beijam, em Rua do Medo - 1666



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

A cena da relação das duas personagens acontecem no meio da floresta, sem nenhuma iluminação, como na figura 11. A iluminação parece estar sob a luz da lua, há muitas sombras e cortes que não mostram muitos detalhes dos corpos das duas personagens, só sutilezas. Pode ser para indicar um pudor ao mostrar o casal, talvez para passar a emoção a pessoa que assiste o filme de sigilo e secreto.

Outra característica que as caracteriza como bruxas é a nudez. Segundo Hutton (2021, p. 65): “a nudez era uma atribuição comum às bruxas, não só porque transgrediu as normas sociais, mas porque as desvia de suas identidades cotidianas”. Então, o uso para descrever falsamente que a bruxa havia enfeitado o homem e estava nua, faz com que os presentes se escandalizam com a descrição, como se a nudez fosse uma argumentação válida de que aquilo era uma ação demoníaca e pecaminosa.

Nestas acusações, a sexualidade, sedução e nudez do feminino são associadas como forma de manifestação da maldade. Como citado anteriormente, as bruxas europeias não tinham chance de se redimir porque acreditavam que a bruxaria era um ato consciente e intencional, e que elas não eram vítimas do mal, mas causadoras dele. A construção dessa narrativa atribui essas características às acusações de bruxaria, demonstrando que no imaginário coletivo, a mulher atrai o mal.

4.3.2 Caracterização física de uma bruxa

A respeito das características físicas, Anchieta (2021) aponta que o cabelo selvagem e solto passou a ser associado às bruxas a partir de Albrecht Dürer, um artista que ilustrou bruxas, apontando para quais seriam suas características e atitudes no século XVI.

Figura 7 - Sarah Fier pela atriz Elizabeth Scopel



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Sarah é interpretada por duas atrizes, uma delas tem traços afro-americanos enquanto a outra tem pele branca e olhos azuis (figura 7), porém se assemelham entre si pela caracterização do cabelo. No Quadro 3 é possível observar esta semelhança, embora tenham traços físicos distintos, o cabelo delas é o mesmo, soltos e cacheados. Essas características não estão presentes nas demais personagens, conforme é possível observar nas figuras a seguir, todas estão com cabelos alisados, presos ou cobertos. Essa escolha provavelmente não deve ter sido uma caracterização aleatória, uma vez que existem outras representações de bruxas com penteados parecidos.

É possível entrar em uma discussão sobre racismo e os traços que são considerados belos ou não na sociedade Ocidental, mas não cabe no escopo desta pesquisa.

Além disso, Sarah tem uma vestimenta diferente das demais personagens. Enquanto as demais usam tons de bege claro e branco, aparecem com cabelos trançados e com adereços bordados, Sarah tem suas vestes mais escuras se aproximando do marrom, podendo até passar uma impressão de sujeira. Outra suposta bruxa que aparece no terceiro filme da trilogia, é representada de forma semelhante, com manchas e sujeiras no rosto (figura 8).

Figura 8 - A viúva

Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Para comparar as roupas de duas personagens, na figura 9, apresenta-se no campo esquerdo a personagem Hannah, com vestes mais claras, com tecidos bordados, cuidando de afazeres domésticos. Já Sarah Fier, no campo direito, tem roupas mais escuras, cabelo trançado, na maior parte solto e volumoso. Sarah acaba de realizar atividades de cuidado com os porcos, tendo contato com sangue.

Figura 9 - Trajes de Hanna e Sarah Fier



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Em concordância com essa diferenciação de vestimentas, outras personagens aparecem na mesma cena. Suas roupas são mais parecidas com as de Hannah do que de Sarah, com cores claras, cabelos bem presos ou cobertos, conforme a figura 10.

Figura 10 - Caracterização de personagens femininos 1



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Na figura 11 Sarah Fier está a direita, com um manto escuro que cobre todo seu corpo, com cabelos parcialmente soltos e presos. Diferente das

personagens Hannah e Lizzie, novamente com roupas claras, bordadas e cabelos inteiramente trançados.

Figura 11 - Caracterização de personagens femininos 2



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

4.3.3 Comportamento e personalidade

Desde as primeiras cenas de *Rua do Medo: 1666 - Parte 3*, vários personagens dizem que Sarah tem características diferentes das demais pessoas daquela sociedade. Além da caracterização, a narrativa é construída para que ela seja notoriamente mais corajosa que as demais personagens, mais ousada e até mais forte, como na cena em que ela agride o homem que tentou beijar Hannah.

Na cena em que ela vai até a parte mais movimentada da cidade, antes do encontro da noite, Thomas a agarra pelo braço e diz ver quem ela é de verdade e o que ela tem por dentro. Depois que Thomas espalha para todos que Sarah teve relações com Hannah, o pai de Sarah conversa com ela, diz que ela sempre teve algo de diferente, que ela não era comum e que ele falhou na sua educação. E em outro momento ela é descrita por um homem como dona de um coração frio.

A mãe de Hannah Miller diz que a Sarah é uma abominação e quando ela se encontra com Solomon, ela mesma acredita que pode ter algo de errado com ela, que ela é diferente das pessoas desde sempre, e teme ter um demônio dentro dela que a faz se sentir atraída por Hannah e ser diferente das demais.

Quando Sarah descobre o segredo de Solomon e encontra as evidências de que ele quem fez o pacto, Solomon pede à ela que fique com ele, que ela não é igual aos demais daquela cidade, que ela é como ele, que questiona as coisas que acontecem e é inteligente. Solomon também se mostra um dos meus membros mais ouvidos e inteligentes daquela sociedade. Ele é ouvido pelos demais, impõem presença e se mostra indignado com as mentiras e atitudes dos seus vizinhos.

Como mencionado no capítulo 2, a figura da bruxa(o) é associada ao diferente, como aquele que não se enquadra nos padrões estabelecidos ou subvertem papéis. No caso, os comportamentos de Sarah são atípicos de uma mulher do século XVII, como quando ela defende e agride sem medo um homem com um soco.

Podem ter sido construções intencionais de traços de sua personalidade, e de certa forma se aproximam das características descritas no capítulo 2 de uma bruxa. Alguém que é diferente e subverte a ordem "natural" estabelecida pela sociedade.

4.4 A representação de bruxaria na trilogia Rua do Medo

Hutton (2021, p. 201) afirma que "a teologia cristã dominante rejeitava totalmente a distinção entre bruxaria e magia cerimonial, sustentando que todas as operações mágicas eram realizadas por demonios". Em toda a narrativa da trilogia a bruxaria foi demonizada, associada ao diabo, satã, demônios e todas as práticas que o cristianismo define como opostas à Deus.

Em toda a narração as imagens que aparecem dos livros ou feitiços fazem uso de elementos tradicionais como, por exemplo, bode (figura 14), caveiras associadas à morte (figura 15), frutos apodrecidos para simbolizar peste (figura 12) e heresia com o profano quando a figura do pastor é possuída e mata as crianças na igreja (figura 13).

Figura 12 - Frutas apodrecidas



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Figura 13 - Pastor na igreja após matar 12 crianças e retirar seus olhos



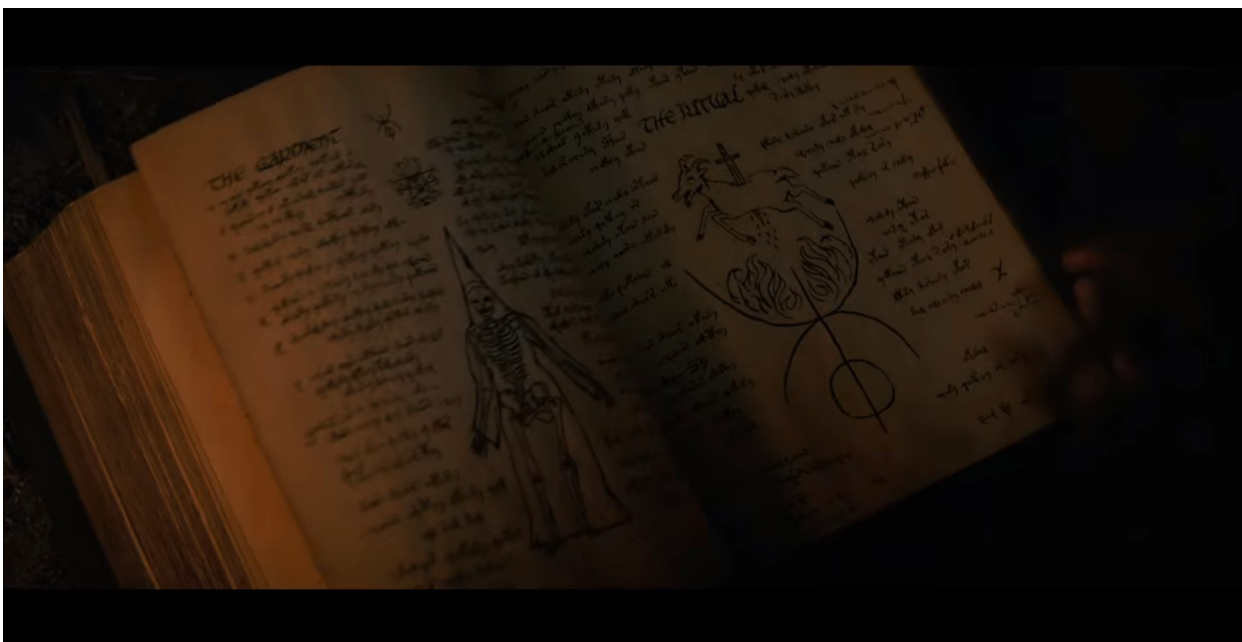
Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Figura 14 - Cabeça de um bode e seu sangue usado para ritual



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Figura 15 - Livro ensinando a fazer um pacto com Satã



Fonte: Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Todas essas imagens e a escolha do uso dos alimentos trazem a crença popular de que a bruxaria é anti-bíblica, é algo maléfico e demoníaco. O personagem Solomon havia perdido sua mulher e filha para uma doença, ele diz que veio colonizar essa terra a pedido da sua esposa, que disse que esse era um

lugar especial e com o ar diferente. Mas Solomon perdeu sua família, suas terras não estavam prosperando e, então, ele decidiu fazer o pacto com a intenção de prosperar, mesmo que a custo de fazer mal a outrem. Essa atitude só reforça o estereótipo negativo de que a prática de bruxaria é uma atitude para o mal quando praticada na individualidade, com objetivo de beneficiar somente uma pessoa.

Quando a Viúva foi descrita como bruxa, Sarah a defende e diz que ela na verdade tem muito conhecimento de ervas medicinais, e que Solomon levou sua filha até ela, mas já era tarde demais. Essa descrição reafirma que as sociedades podiam ser beneficiadas pela presença de bruxas e curandeiras, e que eram bem vistas pela sociedade quando seus atos partiam em benefício dos outros membros. Essa personagem não é morta por enforcamento, mas sim pelo egoísmo de Solomon quando rouba seu livro de feitiços.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se nesta pesquisa que a representação da bruxa na trilogia estudada é muito influenciada pela visão europeia de bruxaria. A prática de bruxaria em si é demonizada e apresentada como maléfica na trilogia *Rua do Medo*. Embora a personagem Sarah Fier seja isentada no final da história de todas as acusações injustas, o bruxo ainda foi o culpado, o feiticeiro usou a magia de forma negativa para prejudicar outras pessoas e se beneficiar do sofrimento de terceiros, reafirmando a comum representação de bruxaria associada ao mal.

A quebra de estereótipos se dá por ser um homem que faz magia. A trama faz com que o público pense até a metade do terceiro filme que Sarah Fier realmente fez bruxaria, mas depois revela-se um novo vilão. A representação da mulher como bruxa na história é quase sempre estereotipada, e nos seus momentos finais isentam a mulher dos crimes acusados. Esta pode ser uma forma de crítica às milhares de mulheres mortas durante o período de caça às bruxas.

Sarah Fier pode representar os julgamentos injustos que aconteceram com mulheres durante o período de caça às bruxas no mundo todo, principalmente na Europa e em suas colônias. Ela confessa os crimes de bruxaria diante de pressão e de maus tratos, como muitas das pessoas confessaram durante o período da caça às bruxas.

A narrativa soube representar como em momentos de crises sociais a bruxaria era colocada como uma forma da sociedade se unir e canalizar seus medos e angústias em um culpado, no caso, em uma bruxa, conforme foi apresentado no capítulo 2.

Esta pesquisa partiu do pressuposto de que a trilogia *Rua do Medo* ressignifica o sentido da bruxa, mas conforme aconteceu um aprofundamento nas referências bibliográficas e se fez a análise fílmica, ficou evidente que não houve ressignificação considerável, somente uma isenção de culpa, mas ainda mostrando a bruxaria como uma prática maléfica, um poder sobrenatural com o objetivo de prejudicar outras pessoas, assim como as crenças popularmente difundidas na Europa Moderna. Na verdade a bruxa não era bruxa, então não houve reinterpretção.

Essa pesquisa focou exclusivamente na construção da personagem Sarah Fier e se estendeu brevemente sobre a representação da bruxaria na trilogia, porém há muitas outras representações nos filmes em questão que poderiam ser investigados.

O estudo sobre caça as bruxas foi, historicamente, muito negligenciado, de forma que este campo carece de estudos, assim como outras pautas representadas na trilogia *Rua do Medo* como a sexualidade feminina, homossexualidade, racismo, misoginia, gênero, idade, dentre outros temas. Há diversos temas e desdobramentos que podem ser explorados em pesquisas futuras. O cinema de horror permite, enfim, o entendimento social de seu tempo acerca de determinado indivíduo por meio da construção de narrativa e da interpretação simbólica de uma figura histórica.

REFERÊNCIAS

ANCHIETA, Isabelle. **Imagens da Mulher no Ocidente Moderno 1: Bruxas e Tupinambás Canibais**. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

CARROLL, Noël. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. São Paulo, SP: Papyrus, 1999.

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora: o primeiro projeto de pesquisa**. 1. ed. Brasília: Letras Livres, 2012. 108 p. ISBN 978-85-98070-30-8.

EDGAR-HUNT, Robert; MARLAND, John; RAWLE, Steven. **A linguagem do cinema**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2013.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

HUTTON, Ronald. **Grimório das Bruxas**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2021.

LAROCCA, Gabriela M. A REPRESENTAÇÃO DO MAL FEMININO NO FILME A BRUXA (2016). **Gênero**, Niterói, v. 19, n. 1, p. 88 - 109, 2. sem. 2018. Disponível em:

https://www.academia.edu/38203787/A_Representação_do_Mal_Feminino_no_filme_A_Bruxa_2016_. Acesso em: 30 nov. 2021.

LAROCCA, Gabriela M. **O Corpo Feminino no Cinema de Horror: Gênero e Sexualidade nos filmes Carrie, Halloween e Sexta-Feira 13 (1970 - 1980)**. Orientadora: Dra. Ana Paula Vosne Martins. 2016. 212 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/27959027/O_Corpo_Feminino_no_Cinema_de_Horror

_Gênero_e_Sexualidade_nos_filmes_Carrie_Halloween_e_Sexta_Feira_13_1970_1980_. Acesso em: 1 dez. 2021.

PANICO. Direção: Wes Craven. Estados Unidos da América: [s. n.], 1996. Disponível em: Plataforma Globoplay. Acesso em: 15 nov. 2022.

PENAFRIA, Manuela. **Análise de Filmes**: Conceitos de Metodologia(s). VI Congresso SOPCOM, Abril de 2009.

ROBLES, MARTHA. Mulheres, Mitos e Deusas. 3. ed. - São Paulo: Aleph, 2019.

RUA do Medo: 1994 - Parte 1. Direção: Leigh Janiak. Estados Unidos da América: Netflix, 2021. Disponível em: Plataforma Netflix. Acesso em: 23 maio 2022.

RUA do Medo: 1978 - Parte 2. Direção: Leigh Janiak. Estados Unidos da América: Netflix, 2021. Disponível em: Plataforma Netflix. Acesso em: 23 maio 2022.

RUA do Medo: 1666 - Parte 3. Direção: Leigh Janiak. Estados Unidos da América: Netflix, 2021. Disponível em: Plataforma Netflix. Acesso em: 23 maio 2022.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria**. 2. ed. rev. São Paulo: Aleph, 2019. 280 p. ISBN 978-85-7667-442-2.

SILVA, Kalina V. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

ANEXO A

FICHA FILMOGRÁFICA DE RUA DO MEDO: 1994 - PARTE 1**Diretor**

Leigh Janiak

Produtor(es)

Peter Chernin

David Ready

Jenno Topping

Escritor(es)

Kyle Killen

Leigh Janiak

Phil Graziadei

Estrelando

Kiana Madeira

Olivia Welch

Benjamin Flores Jr.

Julia Rehwald

Trilha sonora por

Marco Beltrami

Anna Drubich

Marcus Trumpp

Lançado em

2 de julho de 2021

Idioma

Inglês

Séries

Trilogia Rua do Medo

Seguido por

Rua do Medo - Parte 2: 1978

Elenco e personagens

Kiana Madeira como Deena Johnson
Olivia Welch como Samantha "Sam" Fraser
Benjamin Flores Jr. como Josh Johnson
Julia Rehwald como Kate Schmidt
Fred Hechinger como Simon Kalivoda
Ashley Zukerman como Nick Goode
Maya Hawke como Heather Watkins
Darrell Britt-Gibson como Martin P. Franklin
Jordana Spiro como Mrs. Lane
Jordyn DiNatale como Ruby Lane
Charlene Amoia como Rachel Thompson
David W. Thompson como Ryan Torres
Jeremy Ford como Peter
Matthew Zuck como Mayor Will Goode
Elizabeth Scopel como Sarah Fier
Gillian Jacobs como Constance Berman

Sinopse oficial da Netflix

Depois de uma série de assassinatos brutais, um grupo de adolescentes enfrenta uma força maligna que aterroriza a cidade há séculos. Bem-vindos a Shadyside.

Resumo

Após a morte da personagem, na cena de créditos iniciais, é apresentado ao público como forma de notícias e reportagens os eventos que são comuns na história da cidade de *Shadyside* (o nome da cidade é a junção das palavras em inglês *shady* - sombrio - e *side* - lado). Uma jornalista descreve a cidade como a "capital nacional do assassinato" e é feito um contraponto de como a cidade vizinha *Sunnyville* (em inglês *sunny* - ensolarado - *ville* - vila) é muito próspera e não tem relatos de tragédias como em *Shadyside*.

Essa construção de narrativa apresenta ao público os principais eventos de assassinatos que ocorrem na cidade, e como isso é um fato exclusivo e não regional, aumenta a especulação da população sobre a maldição da bruxa, Sarah Fier.

O assassino é sempre descrito por seus familiares como uma pessoa comum, que nunca apresentou traços psicóticos, boa pessoa e um ótimo familiar. O que aumenta a especulação de que as pessoas são possuídas pela bruxa e são transformadas em serial killers.

Logo se apresentam os personagens principais. Deena é uma jovem que ainda está no ensino médio, tem um irmão mais novo chamado Josh, que tinha uma relação amorosa com a personagem Sam. Também lésbica, Sam se mudou recentemente de *Shadyside* e foi para *Sunnyville*, pressionada pela mãe que não aceita a orientação sexual da filha. Ao longo da trama, Sam relata que em *Sunnyville* ela fingia ser alguém que não era, teve uma relação com um rapaz da escola com intenção de se encaixar nos padrões sociais, porém ao longo do filme ela vai se descobrindo e assumindo sua verdadeira identidade.

Deena tem dois melhores amigos, Kate e Simon, que têm histórias similares de vida. São de famílias desestruturadas, precisavam trabalhar para contribuir com a renda de suas casas e tinham o sonho da cidade, porque todos os moradores de *Shadyside* são destinados a uma vida fracassada.

Os principais acontecimentos ocorrem após Sam se machucar depois que Deena provoca um acidente no carro do namorado de Sam. A personagem encosta sua mão ensanguentada onde - conforme mais tarde será descoberto -, estão os ossos de Sarah Fier e ela tem uma visão da bruxa. Após esse evento, os assassinos mortos passam a seguir o grupo, atraídos pelo sangue de Sam.

A história da bruxa é apresentada por Josh, que tinha apreço por pesquisar a história da maldição da cidade. Ele relata que em 1666, Sarah Fier foi enforcada por praticar bruxaria, amaldiçoou a cidade por tê-la matado e, por isso, desde então, acontecem assassinatos na cidade, como uma forma de vingança da bruxa.

A primeira tentativa do grupo para salvar Sam é juntar os ossos que foram tocados por ela para que a bruxa descanse em paz, mas sem sucesso. O grupo encontra registros de um massacre em um acampamento escolar em 1978 com uma única sobrevivente de *Shadyside*, C. Berman, que morreu e foi reanimada com massagem cardíaca. Então, o grupo deduz que Sam precisa ser morta e depois reanimada. O plano funciona, mas Kate e Simon morrem.

No fim do filme, Sam assume seu relacionamento com Deena para sua mãe e se encontra com ela à noite. Deena recebe um telefonema de C. Berman que diz que a maldição da bruxa nunca acaba e então Sam é possuída e tenta matar Deena.

FICHA FILMOGRÁFICA DE RUA DO MEDO: 1978 - PARTE 2**Diretor(es)**

Leigh Janiak

Produtor(es)

Peter Chernin

David Ready

Jenno Topping

Escritor(es)

Leigh Janiak

Zak Olkewicz

Estrelando

Sadie Sink

Emily Rudd

Ryan Simpkins

McCabe Slye

Trilha sonora por

Marco Beltrami e Brandon Roberts

Lançado em

9 de julho de 2021

Tempo de exibição

110 minutos

Idioma

Inglês

Séries

Trilogia Rua do Medo

Precedido por

Rua do Medo: 1994 - Parte 1

Seguido por

Rua do Medo: 1666 - Parte 3

Elenco e personagens

Sadie Sink como Christine "Ziggy" Berman

Gillian Jacobs como Ziggy Berman adulta

Emily Rudd como Cindy Berman

Ryan Simpkins como Alice

McCabe Slye como Tommy Slater

Ashley Zukerman como o delegado Nick Goode

Ted Sutherland como o jovem Nick Goode

Gillian Jacobs como C. Berman

Kiana Madeira como Deena Johnson

Marcelle LeBlanc como Becky

Jordana Spiro como Mary Lane

Chiara Aurelia como Sheila

Jordyn DiNatale como Ruby Lane

Olivia Scott Welch como Samantha "Sam" Fraser

Benjamin Flores Jr. como Josh Johnson

Matthew Zuk como o prefeito Will Goode

Brandon Spink como o jovem Will Goode

Michael Provost como Kurt

Sam Brooks como Arnie

Jacqi Vené como Joan

Sinopse da Netflix

Na cidade amaldiçoada de Shadyside, uma onda de assassinatos aterroriza o Acampamento Nightwing, transformando as férias em uma luta pela sobrevivência.

Resumo

C. Berman conta a história do dia em que sua irmã morreu. Então o cenário muda junto dos personagens, agora o espectador está no acampamento de verão em 1978.

Ziggy, uma jovem rebelde de *Shadyside*, é perseguida por jovens de *Sunnyville*, eles a acusam por estar possuída pelo espírito de Sarah Fier, por isso

a penduram na árvore que Sarah Fier foi enforcada e tentam queimá-la com um isqueiro. Os monitores impedem que os jovens de *Sunnyville* continuem machucando Ziggy. Nick Goode é um dos monitores, o futuro delegado da cidade.

Ziggy tem uma irmã mais velha, Cindy, namorada de Tommy, ambos monitores do acampamento. Outras personagens importantes são a enfermeira Mary e outra monitora, Alice, todas essas personagens, com exceção de Nick, são de *Shadyside*.

A enfermeira Mary tenta matar Tommy dizendo que ele iria morrer naquele dia e que iria matá-lo para evitar que matasse outras pessoas. Isso aconteceu com sua filha anos antes, que foi possuída por Sarah Fier, matou 7 amigos e depois se matou com uma navalha (essa personagem apareceu em 1998 perseguindo os personagens principais). Mary não mata Tommy e é presa.

Cindy, Tommy, Alice e seu namorado entram na enfermaria e encontram nas coisas da enfermeira um diário com diversas informações sobre Sarah Fier. Neste diário tem um mapa da antiga cidade com os locais do acampamento.

Os personagens encontram na floresta um lugar similar a uma masmorra com símbolos entalhados no chão de pedra e pedras na vertical com nomes escritos. Alice reconhece os nomes mais recentes, são os dos últimos assassinos da cidade, junto está o nome de Tommy.

Tommy é possuído e mata o namorado de Alice. Cindy e Alice fogem para dentro de um túnel, provocam a queda das pedras e ficam presas nesta caverna. Enquanto isso, no acampamento tem um desenrolar romântico entre Ziggy e Nick Goode, até que os assassinatos de crianças de *Shadyside* começam a acontecer. Nick tenta a todo momento salvar Ziggy.

Cindy e Alice mencionam diversas histórias de ninar da cidade que descrevem os acontecimentos do dia da morte de Sarah Fier, e identificam o local onde ficava a árvore que a bruxa foi enforcada, a antiga igreja e o salão de reuniões. Seguindo pelos corredores do túnel, elas encontram o lugar que fica abaixo do banheiro do acampamento. O lugar foi reconhecido por ter muitas plantas vermelhas como lodo.

Tommy persegue Ziggy antes que ela pudesse resgatar Alice e Cindy, que correm para o salão principal do acampamento. Cindy encontra um túnel

subterrâneo que leva ao local, chegando a tempo de salvar a irmã e mata Tommy com diversas facadas no peito.

Alice chega minutos depois com o esqueleto da mão de Sarah Fier. Segundo o diário da enfermeira, ao unir a mão ao corpo de Sarah a maldição acabaria. Mas, como no primeiro filme, o nariz de Ziggy sangra, igual ao de Sam, e cai sobre os ossos de Sarah Fier, fazendo com que a garota tenha a visão da bruxa. Tommy retorna a vida e mata Alice.

Cindy e a irmã descobrem que Sarah Fier foi enterrada debaixo da árvore que foi enforcada. No local, enquanto são perseguidas pelos assassinos já mortos, como ocorreu com a Sam em 1998, cavam o local que seria o túmulo de Sarah e só encontram uma pedra com os dizeres "a bruxa ainda vive". Cindy e Ziggy morrem, porém Nick consegue reanimar Ziggy.

Christine Berman é Ziggy, que sobreviveu e vive desde então trancada em sua casa. Retomando a história de 1994, Deane e Josh vão até a árvore que Sarah Fier foi enforcada para pegar a mão de ossos de Sarah, que se transformou na praça de alimentação do shopping da cidade. Como eles haviam encontrado o corpo de Sarah Fier antes, sabiam aonde reunir os ossos.

Chegando ao local, o nariz de Deena sangra e cai sob os ossos de Sarah Fier. Deena é transportada a uma visão de 1666 no corpo de Sarah. O espectador vê a atriz que interpreta Deena, porém quando ela olha para um reflexo na água o rosto é de Sarah Fier, e quando chamam este nome, ela atende. O filme acaba.

FICHA FILMOGRÁFICA DE RUA DO MEDO: 1666 - PARTE 3**Diretor**

Leigh Janiak

Produtor(es)

Peter Chernin

David Ready

Jenno Topping

Escritor(es)

Kyle Killen

Leigh Janiak

Phil Graziadei

R. L. Stine

Estrelando

Kiana Madeira

Olivia Welch

Benjamin Flores Jr.

Julia Rehwald

Trilha sonora por

Marco Beltrami

Lançado em

16 de julho de 2021

Idioma

Inglês

Séries

Trilogia Rua do Medo

Elenco e personagens

Kiana Madeira como Deena/Sarah Fier

Ashley Zukerman como Solomon / Nick Goode

Randy Havens como George Fier
Benjamin Flores J como Henry/Josh
Olivia Welch como Hannah Miller / Sam Fraser
Sadie Sink como Constance / Ziggy Berman
Emily Rudd como Abigail / Cindy Berman
Michael Chandler como Cyrus Miller "O Pastor"
McCabe Slye como Thomas / Tommy Slater
Darrell Britt-Gibson como Martin
Jeremy Ford como Caleb / Peter
Gillian Jacobs como C. Berman
Matthew Zuk como Elijah / Will Goode
Elizabeth Scopel como Sarah Fier
Fred Hechinger como Isaac / Simon
Julia Rehwald como Lizzie / Kate
Ted Sutherland como Nick Goode (jovem)
Jordana Spiro como A Viúva / Mary Lane
Lacy Camp como Grace Miller / Sra. Fraser
Mark Ashworth como Jakob Berman
Todd Allen Durkin como O Vigia / Oficial Kapinski
Daniel Thomas May como Oficial Kuzio
Meghan Packer como Apresentadora de TV
Nilah Blasingame como Garota do colégio
Ryan Simpkins como Alice

Sinopse original da Netflix

De volta a 1666, Deena descobre a verdade sobre Sarah Fier. Em 1994, os amigos lutam para sobreviver e pelo futuro de Shadyside.

Resumo

Iniciando com Deena no corpo de Sarah Fier, o espectador é apresentado a novos personagens, porém com mesmos atores, talvez simbolizando que as pessoas do tempo presente são descendentes de outras personagens.

Logo nas primeiras cenas é possível perceber que Sarah tem algum envolvimento com Hannah Miller (mesmas atrizes que interpretam Deena e Sam), filha do pastor da pequena colônia no território americano, e sua mãe demonstra reprovar a proximidade de Sarah com Hannah.

À noite, Sarah, Hannah e Lizzie vão até a cabana da viúva Mary, uma mulher que Lizzie diz tomar sangue de jovens virgens para permanecer jovem e que fez pacto com o diabo oferecendo seu esposo a ele. Sarah a defende dizendo que ela se casou com um nativo americano e aprendeu diversos usos de plantas e ervas medicinais, a viúva ajuda as outras pessoas da cidade com esse conhecimento, e vive reclusa por esse motivo.

Na cabana as três garotas procuram por sementes que, ao que tudo indica, são alucinógenas. Nesta busca, Sarah encontra um livro de capa prata com símbolos e palavras como "satan", indicando ser um manual de como fazer um pacto com o diabo. A viúva Mary aparece falando coisas estranhas e advertindo Sarah sobre a luz da meia noite, que é um momento mais propenso para demônios agirem. As jovens saem correndo da cabana e vão até a floresta com outros jovens que dançam e se beijam.

Um homem tenta agarrar Hannah e Sarah intervém, ela dá um soco nele após ele pedir um beijo e o ofende na frente de todos, ele se retira. Então Sarah e Hannah vão até a floresta e Hannah demonstra interesses por Sarah, as duas se beijam e têm relações até que escutam alguém na floresta as observando. Elas correm e se beijam novamente, momento que o Thomas as vê.

No dia seguinte, Hannah vai até a casa de Sarah e relata que seu pai, o pastor, está agindo estranhamente, falando coisas sem sentido. Hannah teme que a atitude delas tenha feito seu pai adoecer como forma de um castigo divino, diz a Sarah que elas não podem mais se ver porque a mãe dela reprova este contato. A mãe de Hannah acusa Sarah de querer destruir a vida da filha, que Thomas espalhou para todos que viu as duas juntas na floresta e diz que ela é uma abominação.

Coisas estranhas começam a acontecer, como um porco matar e comer seus filhotes, água contaminada, frutas apodrecidas, larvas na comida e outras coisas. Sarah se encontra com Solomon Goode e diz a ele que sempre foi diferente das outras pessoas, que seu pai disse isso a ela, como se ela fosse

marcada desde criança. Ela relata o que aconteceu entre ela e Hannah e que não foi uma brincadeira, que ela é assim, e teme ter um demônio dentro dela por esses motivos e por isso as coisas estranhas estão acontecendo no local. Solomon diz que ninguém faz pacto com o diabo sem querer, que tem que ser um ato intencional, o que não é a intenção dela, assim a acalma.

Começam tumultos na igreja. O Pastor se trancou com 12 crianças, todos tentam entrar, mas a porta está trancada. Então, Solomon consegue arrombar a porta lateral encontrando o Pastor falando coisas estranhas no altar e as crianças sentadas nos bancos, mortas e sem os olhos. Solomon mata o pastor quando ele tenta atacar Sarah.

Os adultos da comunidade se reúnem em assembleia e passam a dizer que o que está acontecendo é algo demoníaco. Solomon confronta-os pedindo provas, que este pensamento era absurdo, e então o homem que Sarah Fier envergonhou na noite anterior disse que tem provas, que viu Sarah Fier ir até sua casa durante a noite, o seduziu para a floresta, e depois o enfeitiçou. Ele descreve que ela estava nua e que se deitou com o diabo. Outros homens começam a depor dizendo "eu vi Hannah Miller" e "eu vi Sarah Fier", descrevem fatos irreais e atitudes que elas não tiveram. Então saem em perseguição das duas.

Hannah é capturada, Sarah foge e depois volta a falar com Hannah, diz que tem mais medo dos vizinhos que as acusam do que do diabo, que viu um livro na casa da viúva e que iria fazer um pacto para salvá-las da morte. Ao chegar até a casa da viúva o livro não está mais no lugar que estava antes e a viúva está morta.

Sarah vai até a casa de Solomon, descreve o que aconteceu e diz que acha que alguém ofereceu a cidade deles por meio de um pacto demoníaco. Solomon a esconde no porão de sua casa enquanto outros homens a procuram. Nesse tempo Sarah encontra um túnel, o mesmo que existe debaixo do acampamento no filme anterior, ela descobre que quem fez o pacto foi o Solomon. Ele tenta persuadi-la a ficar do lado dele dizendo que o custo é baixo, é só oferecer uma vida ao ser maléfico a cada determinado tempo, Sarah se nega, diz que a vida do Pastor causou 12 mortes de crianças, então ela tenta fugir e,

neste momento, Solomon corta a mão de Sarah que cai no túnel (é encontrada os ossos da mão em 1978, por Alice).

Sarah encontra uma saída, com a mão cortada, sai no meio da cidade, então todos a capturam e a levam até a árvore. Acontece uma pressão para que ela e Hannah confessem os crimes de bruxaria, então Sarah diz que ela fez tudo, seduziu e enfeitiçou Hannah e que tudo o que está acontecendo é sua culpa. Hannah é poupada, Sarah é enforcada e amaldiçoa Solomon, dizendo que não vai descansar até que a verdade seja revelada. Sarah é enforcada, seus amigos a enterram em outro lugar e colocam uma pedra com os dizeres "a bruxa ainda vive" abaixo da árvore.

Deena retorna a 1994 entendendo que quem fez a cidade ser amaldiçoada foram os ascendentes do delegado Nick Goode, e tudo o que aconteceu com Sarah foi uma armação.

Deena, Josh, C. Berman e Martin se reúnem no shopping, fazem uma emboscada para os assassinos que agora estão atrás do sangue de Deena.

Nick foge pelo túnel abaixo do shopping, mas Deena segue e o mata quando ele tenta matá-la, colocando fim na maldição.

Hannah e Deena seguem o túnel até a casa do delegado e encontram vários itens associados à veneração ao diabo, como bodes, pentagramas etc. A família de Nick Goode manteve as práticas religiosas de Solomon por três séculos.

Nick Goode é reconhecido como um assassino em série, acidentes e eventos estranhos começam a acontecer em *Sunnyville* e o filme acaba com o livro do pacto sendo pego.